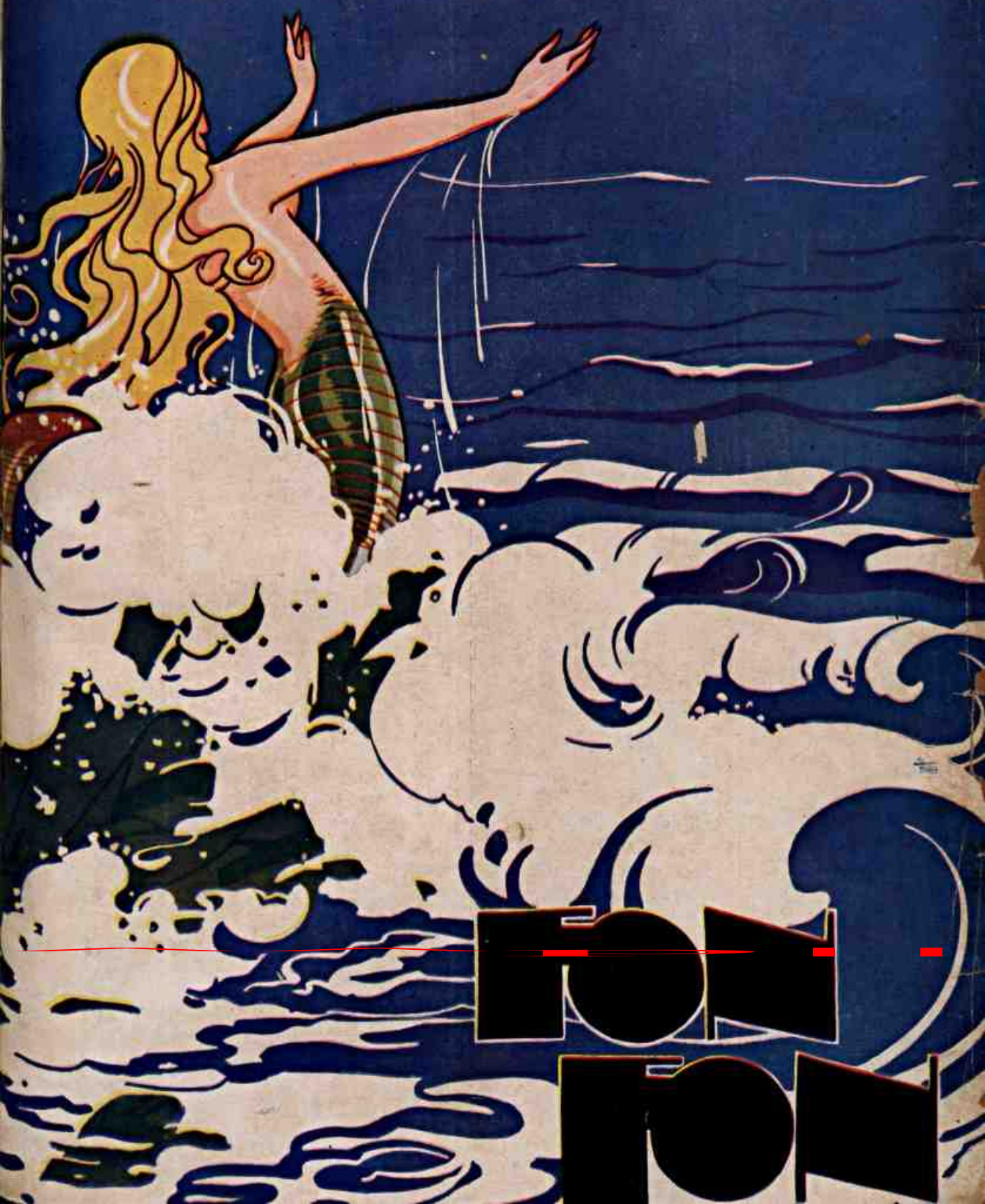
ANNO XXXII — N.º 16
Rio, 22 de Abril de 1938
PREÇO: 1$000
FON FON

O conto brasileiro

CLARIVIDENCIAS...

— ESCUTA, eu sempre pensei que gostasses do Ernesto...

— E por que suppuzeste semelhante coisa, e por que suppões que te enganaste?

— Tu lhe prestavas uma attenção especial, e elle, positivamente te destinguia entre o nosso grupo... Comecei a tecer uma linda historia em que duas creaturas perfeitas se uniriam...

— Duas creaturas perfeitas? E's pouco exigente... E por que suppões que o não amo?

— Porque és sevéra demais com elle; não lhe revelas o menor deslise... A's vezes, mesmo, quasi o aggrides...

— Exaggeras, mas eu te digo o essencial: Ernesto precisa sahir da minha vida.

— Mas porque? Dizes que sou pouco exigente e tu não o serás demais? Ernesto é o partido melhor que conheces: bôa situação, bôa estampa e, sobretudo um excellente caracter.

— Que chamas um excellente caracter? Não matar? Não roubar? Não violar as leis? Não se embriagar? Não ser jogador?

— Então? Não lhe apontas um defeito grave, e a sua conducta é impeccavel.

— Tu o conheces bem?

— Tanto quanto baste para decidir em seu favôr...

— Pois eu acho que o seu caracter é vulgarissimo; não tem nenhum traço de excellencia, ...Não mata porque não presta a golpes nem a tiros a creatura; matará, porém, todas as ingenuidades, todas as melhores intenções que encontrar em seu caminho de farejador... Não rouba dinheiro nem coisas, mas furta a bemdita tranquillidade de todas as mulheres que se deixarem empolgar pelo seu *excellente caracter;* não burla os códigos, mas viola sorrateiramente todos os sagrados direitos que qualquer mulher tem de se defender contra os assaltos á sua dignidade e ao seu coração; não se embriaga pelo prazer physico de beber, mas commette em consciencia desatinos de bêbedo; joga, emfim, com a confiança de todas as raparigas que escutam as suas labiosas palavras. Que *excellente caracter,* hein?

— Mas eu não sei disso, nem ninguem o sabe...

— Eu o sei...

— Então, por que o não repelles de vez?

— Porque desejo ver até onde elle chega... E não transijo porque o amo. A outro qualquer, eu perdoaria uma phrase menos polida, um gesto mais avançado; o meu coração isento me deixaria repousada e indifferente. A elle, nunca. Sabes lá o que é a gente ouvir promessas encantadoras de lábios queridos, e sentir-se envolvida na caricia do olhar amado, e ver estendidos, numa supplica, os braços em que se aninharia deliciosamente vencida?

— E com tudo isto, ainda não crês no seu amôr?

— Não. E o que me salva e essa bemdita clarividencia. Tudo nelle é ardil. Tudo nelle é falso, é fôfo, é escorregadio. O seu excellente caracter recúa deante da responsabilidade e o compromisso é para elle um espantalho invencivel. Não inspira confiança. Homem desse quilate não amará nunca, muito menos a mim, que vivo mais das subtilezas do sentimento do que do proprio sentimento; que tenho a coragem desassombrada das minhas attitudes; que perscruto a intenção no gesto a se realizar, e que me lançaria num abysmo de olhos fechados, si soubesses que lá me deteria a protecção de um affecto seguro Ernesto embora m'o promettesse, e não o prometteria nunca, no momento inadiavel, deixar-me-ia escoar pelos seus braços, si o meu peso o ameaçasse de ir tambem...

— Não o amas; é um dictado certo: o amôr é cégo, e o teu vê demais...

— Eu amo, nelle, o Ernesto que admiravas e que criou tão bôa fama: é este que hei de esquecer no convivio deste outro, que os olhos da razão me vão mostrando cruamente. E' uma luta; mas estou certa de que vencerei; e, quando elle passar na minha vida, terei o altruismo, sem rival, de fazer côro, comtigo e todos, nos louvores que tecem ao seu *excellente caracter*.

— Que crueldade!

— Crueldade? Porque? A illusão é o maior bem da vida, e eu, que não perdôo que m'o tivessem tirado jamais o roubarei a alguem...

IRENE DRUMMOND

Amor de vista curta.

De Elmer Davis

DILWORTH estava perdido. Andou, por espi- de meia hora, na neve, procurando inutilmen orientar-se naquella densa nuvem cinzenta envolvia tudo. Para cumulo, uma fila de arbus lhe interceptava por completo a visão do camin Indeciso, o joven resolveu deter-se e soffrear s nervos excitados.

De repente, aspirou o ar com interesse. A br trazia-lhe o aroma de um cigarro. Alguem fuma perto. Dilworth chamou, em voz alta. Outra voz, mulher, lhe fez éco.

Orientou-se para a desconhecida. Uma manc marron e verde, que se destacava á direita, gui seus passos. A mancha transformou-se numa mul de saia verde e blusa marron.

A mulher, que estava sentada á beira do mar, vir os olhos e olhou com desconfiança o homem que aproximava della. Dilworth sentou-se junto da mo

— Perdão, senhorita — desculpou-se. — Perdi-m

— De onde vem o senhor? — perguntou a jove — Não me lembro de o ter visto no hotel.

— Cheguei no trem desta manhã — explicou D worth. — Vim a negocio...

Ella sorriu, tranquillizada pela voz de seu int locutor. E disse:

— Eu tambem me perdi. Ha muitos annos que n vejo uma cerração como esta. Estou ha muito nes posição. Felizmente, trouxe cigarros... O senh fuma? Mas não tenho mais phosphoros. Si quiz accender no meu...

Dilworth acceitou o cigarro, tomando-o entre pollegar e o minimo da mesma mão, e assim obte fogo.

— Muito bem! — sorriu a joven. — Que habi dade! Todo mundo usa as duas mãos para accend o cigarro.

— E' um costume imposto pelo uso do telepho Tenho clientes muito conversadores. Como não pos soltar o phone, prendo o cigarro desta fórma, c a mão direita.

— Clientes? Então o senhor é o advogado que m ter Borden esperava... Num hotel a gente sabe tudo, embora não queira... Além disso, quasi tod estamos aqui desde o começo do inverno. E ficarem até o fim da temporada.

— Até que termine a temporada? Pois a senhor é feliz. Eu parto amanhã mesmo — disse Dilwort E ajuntou, com um sorriso:

— Mas confesso que me encantaria ficar algu mezes...

E assim, de trivialidade em trivialidade, os d jovens foram rodando pela pendente das confidencia A neve os isolava e os protegia contra os olhar indiscretos. Viam-se pela primeira vez, mas Dilwor sentia-se tão a seu gosto conversando com a jove como si fosse um antigo camarada della.

Algo estranho havia naquella conversação, no e tanto. Os dois jovens falavam com certa nervosidad Dilworth censurava-se interiormente por ter deixad os occulos sobre a mesa de seu aposento. Curto d vista, sem o auxilio dos crystaes se sentia tambe curto de genio.

Mas, de repente, o sol foi dissipando a neve. então Dilworth poude admirar, embora não em to sua precisão, a elegancia da joven. A elegancia, ap nas pois os detalhes do rosto continuavam sendo u mysterio para seus olhos myopes.

— Oh, o sol está no occaso! — exclamou a jove — Estamos conversando ha quasi tres horas!

— Pois me pareceram tres minutos.

Ella levantou-se:

— Sim... Mas... nos veremos esta noite, no hotel, não é verdade?

— Exactamente, senhorita. O lamentavel é ter eu de viajar amanhã e... ficar a senhorita até o fim da temporada.

Os dois jovens olharam-se nos olhos. Dilworth soffria por não poder distinguir a côr daquellas pupillas. E preferiu, para dissimular sua contrariedade, voltar a vista para a outra parte.

Puzeram-se a andar, um ao lado do outro. No *hall* do hotel se despediram.

— Até logo, senhorita. Creio que mister Borden me deixará livre a noite.

— Deus permitta... Todas as noites dançamos no salão. Alli me encontrará...

— Bem. Mas... ignoro seu nome, senhorita.

— Dir-lh'o-ei esta noite. Vá conversar com mister Borden e procure resolver depressa o seu negocio. Até logo!

•

DE pé a um lado do salão, Dilworth inspeccionava, através de seus occulos, todas as mulheres que passavam, dançando, pelo braço dos cavalheiros. Olhava as loiras, e tambem as morenas. Nenhuma reparava nelle. Attentas à conversação dos cavalheiros, as dançarinas só dirigiam a Dilworth olhares casuaes e indifferentes que o desesperavam.

Qual dellas era a joven encontrada á tarde, na neve? Dilworth não podia reconhecel-a. Esperava, para isso, um sorriso, um olhar, uma inclinação de cabeça, uma cabeça, uma palavra. Mas ella, certamente, esperava que fosse elle quem se lhe approximasse.

Dada a attitude de Dilworth, a joven podia considerar-se offendida. No emtanto, elle lhe havia confessado que era curto da vista.

Mas a explicação da indifferença da joven podia ser outra. Muito mais dolorosa, para Dilworth, que a anterior. Talvez a desconhecida se houvesse arrependido das esperanças que deixára entrever a seu companheiro da tarde.

Ou talvez não se tratasse de uma senhorita mas de uma senhora..., que nesse momento podia estar dançando com o esposo!

Aquillo se transformava em quebra-cabeças. O melhor era renunciar a toda tentativa de reconhecer a joven. Mas Dilworth não se atrevia a adoptar essa resolução. Um interesse superior a outra consideração o obrigava a permanecer ali, junto da parêde, olhando dançar os pares, á espera do olhar affectuoso, da inclinação de cabeça, do sorriso, da saudação.

Afinal, penalizado e quasi offendido, se retirou para seu aposento.

•

NA manhã seguinte, Dilworth se levantou com um humor de mil demonios. Vestiu-se apressadamente, preparou sua valise e sahiu do hotel para tomar o pequeno omnibus que fazia o serviço até a estação.

Quando o vehiculo arrancou, só tres pessôas se encontravam dentro delle: Dilworth, um cavalheiro e uma excellente joven loira, a quem Dilworth vira no baile, na noite anterior. A joven olhou Dilworth com indifferença. Nosso heróe tirou de sua cigarreira um cigarro e pediu, com um gesto, fogo ao outro cavalheiro.

— Não tenho phosphoros — respondeu-lhe o desconhecido. — Si quer accender em meu cigarro...

Dilworth recebeu o cigarro do outro personagem e accendeu o seu. Um segundo depois, o omnibus se detinha, e o cavalheiro descia.

(*Cont. na pag. seguinte*)

Amor de vista curta...

(Conclusão)

O vehiculo proseguiu sua marcha. Houve, no interior, um instante de silencio. De repente, perguntou a moça loira:

— Por que hontem á noite o senhor não se approximou para conversar commigo?

— Hein? — gritou Dilworth. — A senhorita?! Oh! Bom dia...

E, tomando nas suas, as mãos da moça, Dilworth contou todas as suas angustias da noite anterior.

— Eu não me lembrava com precisão de seu rosto, senhorita. Tem desculpar-me. Já lhe disse que sou muito curto da vista.... Mas a senhorita, vendo que eu não me approximava, devia ter-me dirigido a palavra, feito uma inclinação de cabeça, ou esboçado um sorriso... Não. Não a censuro por isso. A senhorita é mulher. Eu é que tinha a obrigação de dar o primeiro passo... Mas... não me disse que ia ficar no hotel até o fim da temporada?... Por que tomou o omnibus?... Que significa essa valise?...

A joven vacillou um momento, ruborizando-se. E por ultimo, confessou:

— Como hontem á noite não pudemos conversar e como o senhor me disse que hoje partiria para Nova York, pensei que... nos viriamos na estação, ou no trem...

— Oh, obrigado, obrigado, senhorita!... Mas... por que hontem á noite não quiz cumprimentar-me? Assim me evitaria essa tortura...

— Não o reconheci — declarou ella, com grande espanto de Dilworth. — Tambem não o reconheci quando tomou o omnibus... E si não fosse a sua maneira de accender o cigarro...

A moça interrompeu-se para abrir a carteira, de onde tirou um par de occulos. Occulos que poz em seguida, para explicar:

— Eu..., eu tambem sou curta da vista!

Vendo-se, afinal, nos olhos, os dois jovens sorriram com um sorriso amplo, franco, que não tardou em se transformar em gargalhada. Uma parada do omnibus interrompeu o sorriso. E Dilworth, audacioso, aproximou sua bôcca da da joven loira.

Ambos eram curtos da vista, mas no beijo não ficaram curtos...

Gottas de ironia

De Max YANTOK

O homem verdadeiramente sabio é aquelle que se faz de imbecil para poder viver numa sociedade que se diz culta.

* * *

De Epicteto:

Si um cavallo surgisse em publico para dizer com orgulho e vaidade:

"Eu sou um cavallo intelligente", não me admiraria. O que me causa admiração é a vaidade dos homens que se dizem publicamente intelligentes e sabios.

* * *

De Pitigrilli:

— Não gostas de creanças?

— Odeio-as.

— E gostas de cães?

— Isso, sim. Porque os cães serão sempre cães, e os meninos tornar-se-ão homens.

* * *

O nosso Codigo Penal estabelece penas para o homem que seduz uma mulher.

Como se vê, o Codigo é um delicioso repositorio de pilherias.

* * *

Uma phrase ironica, perto da região glutea, tem o effeito de uma agulhada...

* * *

Segundo Confucio, a mulher commum tem o cerebro de uma gallinha. A mulher superior, de duas gallinhas.

Chega de citações!

- Que horror! Como está medonha a minha pelle! Agora comprehendo porque o Octavio disse que meu rosto é um jardim!

- Como sou infeliz, meu Deus! Elle queria dizer que eu sou um canteiro vivo de... cravos e espinhas!

Mamãe - Vou matar saudades da Lucia.

- Não chores assim, Lucinha. Essas espinhas e manchas, que te enfeiam o rosto, são o resultado dos teus frequentes incommodos e irregularidades uterinas. E para isso...

...existe um remedio maravilhoso, infallivel, abençoado hoje por milhares de lindas moças que tinham a pelle manchada como a tua.

UM MEZ DEPOIS
Elle - Lucinha querida, como tens as faces lindas e rosadas!
Ella - São rosas de saúde... DA MULHER!...

LIXO

O RÔLO DE PELICULA

— NÃO me posso queixar. Estou casado com uma mulher encantadora, filha unica de paes multimillionarios. Mas essa felicidade me occasionou certos sobresaltos. Asseguro-te que só a casualidade, a deusa casualidade poude evitar uma catástrophe: a catástrophe que para mim significaria não obter a mão de Sara.

Para conquistar Sara, tive que me desprender de Germana. Quem era Germana? Uma admiravel amiga, que não ignorava o caracter precario da ternura que nos havia ligado durante quatro annos. No momento da revelação, quando lhe participei meu noivado com Sara, Germana soffreu, no emtanto, um ataque de nervos e um desmaio. Ao voltar a si, articulou mil desatinos: falou de suicidio, de vingança, de crime por partida dobrada. Um *tablette* de bromureto e algumas phrases graves de sensatez, pronunciadas por mim, foram acalmando-a pouco a pouco. Serenada, Germana reduziu suas exigencias. Renunciava a suicidar-se, a matar-me, a matar Sara. Mas pedia que eu lhe dedicasse integralmente, e de fórma absoluta, um mez de minha vida. Esse mez o passariamos longe do mundo, em logar que ella escolheria.

Bella proposta. Eu não podia recusar-me, entre outras razões, porque Germana é uma mulher maravilhosamente bonita. Dei solennemente minha palavra. Viveria um mez a seu lado.

Mas, nessa mesma noite, os paes de Sara convidaram-me a passar quinze dias em sua *villa* de Royan. Essa *villa* é uma luxuosa construcção, em que meu sogro pôz toda a sua arte de architecto. A *villa* era, por outro lado, o presente de nupcias que os paes de Sara me haviam promettido. Como comprehenderás, eu tambem não podia recusar esse convite. Tanto mais quanto meu futuro sogro queria que eu conhecesse a casa e declarasse si a achava de meu agrado.

Usando de uma diplomacia incomparavel, obtive de Germana uma reducção de exigencias. Eu não lhe dedicaria um mez, mas tres semanas. Ficaria uma divida de dez dias, que seria satisfeita mais tarde.

Mas o logar onde deviamos viver aquellas tres semanas de soledade ficava á escolha de Germana. Em segredo, ella mesma se encarregou de reservar as passagens. Promettia-me uma surpreza.

Germana é uma mulher intoxicada de romantismo. A surpreza promettida foi, para mim, terrivel. Recordando não sei que famosa aventura de amôr vivida por dois personagens celebres em um povoado do sul, Germana quiz respirar a mesma atmosphera e ver as mesmas paizagens que commoveram o coração do casal historico. E sabes aonde me levou? A Royan!... A' mesma localidade em que se erguia a *villa* de meus sogros!

Eu havia tomado o trem sem saber aonde me conduzia Germana. Quando chegámos a Royan, tremi. Meus protestos, porém, foram inúteis. Germana fazia questão que fosse aquelle e não outro o logar que devia servir de moldura a nosso amôr.

Depois de longas reflexões, pensei: "Bem. Procuraremos evitar qualquer contratempo. Meus futuros sogros e minha futura esposa só chegarão a Royan dentro de uma semana. Depois..., depois viverei encerrado, ou, pelo menos, farei o possivel para não passar perto da *villa*. A *villa* fica longe..."

E dediquei-me a Germana integralmente, absolutamente, de accôrdo com o estabelecido.

Um dia, soube que os proprietarios da *villa* haviam chegado. Desde então, perdi o somno... Só eu sei que emoções terriveis experimentei aquelles dias!

Felizmente, chegou a aurora do vigesimo primeiro dia. E separei-me de Germana, para transferir-me, jubiloso, á *villa* onde me aguardava a encantadora Sara.

Ah, suave descanso do noivado casto!... Meus futuros sogros cumulavam-me de attenções; Sara, de mimos.

Mas, certa manhã...

Preparavamos para nos installar no automovel, afim de darmos um passeio pelos arredores, quan-

(Continúa na pag. seguinte)

MUITO CONTENTE

RUA REPUBLICA DO PERU', 93
RUA TEIXEIRA SOARES, 38
(PRAÇA DA BANDEIRA)

SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ

PRAÇA JOSE' DE ALENCAR, 2
RUA COPACABANA, 627
RUA ARISTIDES CAIRE, 11 (MEYER)

do hotel que havia deixado os cigarros em meu quarto. "Não se incommode!" — apressou-se a dizer-me Sara. E correu á procura dos cigarros.

Dois minutos depois, minha noiva reappareceu no jardim.

— Por que não me disse que havia trazido uma machina photographica? — perguntou-me, ao entregar-me os cigarros.

E vi, então, que Sara havia retirado de meu aposen o a caixa que continha a machina.

— Não poderiamos tirar algumas photographias? — exclamou.

Eu sorri. Não podia fazer outra coisa. Aquella machina era de Germana. Eu lhe havia offerecido no dia de seu anniversario. Paciencia. Meu dever de noivo era offerecer a machina a Sara. Compraria outra para Germana.

Nesse dia, apanhámos algumas photographias. A' tarde, vencido já o prazo fixado para minha estadia na *villa*, despedi-me de Sara e de meus futuros sogros, que seguiam para Marselha.

* * *

VOEI para o ninho onde me esperava Germana. Devia pagar a segunda quota de minha divida. Outros dez dias, integralmente, absolutamente dedicados a Germana. Afinal, chegou o dia da separação.

E minha amiga disse-me:

— A proposito, João pódes ficar com a machina que me havias offerecido, si quizeres, mas envia-me copia das photographias que tirámos.

— As photographias? — murmurei eu. — As photographias?...

As photographias tinham ficado na machina!... E a machina viajava rumo a Marselha, pendurada na mão de minha noiva!...

Germana, que não soube ler a expressão de espanto que nesse momento devia ter-se reflectido em meu rosto, continuou:

— Certamente, entregaste o rôlo para ser revelado, e te esqueceste de ir buscál-o... Isso demonstra o pouco amôr que me tens!... Emfim: quando te lembrares, vae buscál-o.

Eu me sentia morrer. Aquelle rôlo, em que os paes de Sara haviam registado algumas scenas familiares de nossa temporada na *villa*, continha, tambem, o segredo de minha dedicação a Germana. Com Germana haviamos começado a impressão do rôlo. Si Sara mandasse revelar a pellicula, meu noivado estaria irremediavelmente desfeito!... E, certamente, a encantadora Sara tinha, nesse momento, em suas mãos, todas as provas de minha falsidade e de minha audácia!... Provas terrivelmente claras!...

"Adeus, Sara! Adeus, casamento! Adeus, milhões!" — pensei.

* * *

RESTAVA-ME uma ultima esperança. Si Sara não tivesse mandado revelar o rôllo, eu estaria salvo. Tomei o rápido de Marselha. Apresentei-me em casa de minha noiva. Toquei violentamente a campainha: uma vez, duas... Minutos de angústia indizivel!...

Por fim, a criada veiu abrir a porta. O patrão havia sahido. A menina estava com a patrôa.

Mas a mamãe já se adeantava para receber-me:

— Oh, que surpreza!... Você chega muito opportunamente... Entre, entre... Ande... e console Sarita... Está desesperada... Acabam de trazer, precisamente, o rôllo que mandámos revelar e...

Avancei como um automato. Da porta da sala, divisei Sara, immovel junto á janella, abatida, consternada...

Sara voltou a cabeça ao rumor de meus passos. Seus olhos lançaram-me um olhar cheio de tristeza.

Que fazer?... Que desculpa procurar?... Que explicação dar?... Das mil phrases que em um segundo me occorreram, nenhuma dellas me satisfez. E permaneci mudo, disposto a supportar resignadamente o castigo que merecia por minha precipitação.

Mas, de repente, julguei renascer para a felicidade. A bôa senhora continuou:

— Eu disse ao photographo que fizesse todo o possivel... Mas... olhe, olhe... Não se vê nada!... As photographias estão veladas... E a pobre Sarita entristeceu... Diz que isso é um máo presagio... Que tolinha! Não é verdade?... Vá, approxime-se della, console-a...

Pude, afinal, sorrir, e respirar, alliviado. A mãe de Sara retirou-se, discreta.

Eu me approximei da mulher que hoje é minha esposa e bati-lhe docemente na face.

A innocente Sarita chorava. Quão longe estava de suppôr que, graças áquelle *accidente*, podiamos continuar sendo noivos! Mas eu, como comprehenderás, me via na impossibilidade de explicar-lhe que, si as placas não se houvessem velado, nossa felicidade se teria dissipado. Preferi dar-lhe um beijo e acariciar-lhe os cabellos, aquelles cabellos que, por sua côr de oiro, me lembravam os milhões de meus futuros sogros.

Só a deusa casualidade havia impedido, com grande tacto, que esses milhões me escapassem das mãos...

LÉON LAFAGE

MANFREDO (E. do Rio) — Não, meu caro poeta. O sr. não percebeu a razão da minha replica á sua critica. E' preciso notar que não me zango com *as criticas que soffro*, mas com *a injustiça dos criticos*...

E' grande a differença.

Escreve o sr.:

"Dr. Bastos Portela. Saudações Ahi vae uma poesia de minha lavra para ser submettida á sua critica. Estou certo que será bastante desagradavel para o Sr. ler um trabalho sentimental e piégas em dias tão agitados e festivos... E, por falar nisso, desejo-lhe um Carnaval gordo e feliz.

Mas vamos a outro assumpto.

Então, dr. Portella, não gostou de minha apreciação? Não gostou das "citações francezas"? Não falei por critica, com sinceridade. E nem poderia falar. Quem sou eu para tal?... Leia-a mais uma vez e verá. Sinto, e peço, perdoar-me por fazer uma cousa aquem de seus merecimentos. E, ainda mais, fazer mal. Valha, no emtanto, a bôa vontade, si nada valeu a aprecição.

Li o seu romance, achei-o admiravel, e tornei publico o meu contentamento pela "A Gazeta" de Nitheroy — jornal onde mourejo semanalmente.

Era um dever de justiça e gratidão que se me impunha.

De justiça, porque o Sr. tem meritos reaes. E' um nome victorioso e que o escopelismo da maldade não mais attingirá.

De gratidão, porque tenho sido recebido sempre pelo Sr. com o maior cavalheirismo, antes mesmo de ter a ventura de conhecel-o pessoalmente. E póde crêr, com franqueza, que o Sr. tem em mim um admirador sincero e desinteressado.

O Snr. sabe que eu me assigno sempre com a mais viva sympathia".

Resposta:

1º — Eu seria absolutamente idiota si me zangasse com a sua opinião, a proposito do meu romance ou de outro qualquer livro meu. O que me pareceu injusto e pouco razoavel, foi a sua censura ao facto de eu usar de certas expressões francezas e da preoccupação de fazer erudição.

Ora, além de mais, eu frisei bem na minha resposta ao sr. que tinha o direito de tentar fazer um romance differente da generalidade dos outros.

De resto — ponderei ainda — as citações e o eruditismo de que me utilisei serviram para illustrar a insipidez das minhas paginas — do mesmo modo que os missaes se enriquecem de illuminuras, vinhetas douradas para quebrar a monotonia dos textos sacros. As citações e as referencias eruditas no meu pobre livro, são estratos, nuvens brancas, cirros leves, fluctuando sobre a uniformidade do azul celeste.

E foi isso o que o sr. e outros criticos não viram, ou não quizeram vêr em *Uma garçonne carioca*...

2º — Quanto ás sua poesia já tomei as necessarias providencias.

ANASSIA (Capital) — Cada vez continúo mais intrigado com a preoccupação que tem v. ex. de enviar-me, semanalmente um presente. E' curioso! E mais curioso é v. ex. não querer revelar o seu incognito, afim de que possa corresponder á sua gentileza.

Juro que não sou egoista. E si nem sempre posso dar presente, o que é certo é gosto de retribuir os que me offerecem.

Não sou dos que só rezam do Padre Nosso o — "venha nós" e, ao "vosso reino" — nada!

Já é tempo de lhe enviar tambem uma lembrança qualquer. Qual o seu endereço? Qual o seu telephone?

ANNA MARIA (S. Paulo) — Cada dia admiro mais as paulistas. Não importa que, vez por outra, uma de suas conterraneas me faça notar que é necessario não esquecer as excepções.

As excepções! Sim, é natural que algumas das paulistas não se tornem dignas dessa minha sympathia exaltada.

Mas, o facto é que, a generalidade não é culpada dessas excepções...

V. ex., com a sua missiva azul-*bluet*, perfumada com essencia fina, (Caron? Bichara? Guerlain? *Chi lo sa?*) uma missiva traçada por mão gentil e fidalga — me dá a doce impressão de que as paulistas do élite são as creaturas mais adoraveis do mundo.

E' verdade que não posso esquecer as gaúchas. Mas, como tenho privado mais de perto, com as filhas do sul, é claro que estou autorizado a distinguir as paulistas de todas as outras mais.

E' possivel que, amanhã, conhecendo outras, de modo a poder estudal-as como ás paulistas, me considére seguro para formular um juizo mais justo e mais acertado sobre ellas.

Bem. Resta-me agora fazer sentir o seguinte: ha uma parte na sua carta que é absolutamente confidencial. Ella só interéssa á minha pessôa. A resposta só lhe poderia ser dada directamente e em particular. Mas, v. ex. esqueceu mandar o seu *adresse*...

MAKTUB (Pernambuco) — Uma consulta grave, sem duvida. Pergunta o senhor ou a senhora? O pseudonymo é vago.

Eis o que diz a sua carta:

"Yves. Você que tem estudos excelentes em sua mesa de trabalho, verdadeiros *motivos dalmas*, de certo não se negará a mais um esclarecimento, uma opinião á presente consulta cujo merito exclusivo está na satisfação, no contrôle de duas Vidas que se querem, mas se, retraem com um constrangimento de fazer dó.

Diga-me, Yves, é possivel as influencias das idades nos casos de amor? Este assumto de alta Psicologia ainda não me dado a comprehender, quizera mo desvendasse.

Um estudo graphologico, far-se-á necessario? Nesse caso, aguardo seu *vereditum* e resposta imediata na Secção Sabam Todos para: — *Maktub*."

Penso que o factor idade nos casos de amor é definitivo. A felicidade conjugal depende, em grande parte, da idade dos interessados.

Fausto deu a alma ao diabo por alguns dias de mocidade. Visava Margarida. Mas, ao fim, se convenceu de que a sua tragedia offerecia um ensinamento unico para o homem: — não devemos ir de encontro ás leis da natureza. Não é prudente subvertel-as, em proveito proprio. E' um erro, e desastroso, damninho, irremediavel.

Notavel hygienista francez, o prof. Surbled, faz vêr que ha uma "idade nupcial, indicada pela hygiene".

O mesmo tratadista observa: "Si a idade nupcial não pode descer, sem inconveniencia, abaixo dos vinte annos, existe, em outro sentido, uma larga latitude. Uma joven pode casar-se aos vinte e cinco e aos trinta. Em todo caso — assignala, adeante — é essencialmente importante, para o futuro das uniões conjugaes, que a idade do marido não vá além da de sua esposa, mais de seis ou oito annos.

Assim, é prudente que uma joven de 22 annos despose um cavalheiro de trinta. De trinta e cinco ou trinta e seis é muito. E' perigoso... Principalmente para elle, quando chegar aos quarenta e cinco ou mesmo aos quarenta e dois..."

Agora, si a pergunta deve significar: — "Deve um homem de 40 annos acceitar, como verdadeiro, o affecto de uma joven de 20?" eu respondo que sim.

Para o amôr não ha idade, nem leis, nem preconceitos ou convenções. E Théodore de Bauville, num dos seus livros famosos de contos, creio que "Dames et demoiselles" nos offerece um conto onde é defendida essa these.

E' a historia de uma garota de 7 para 8 annos, a qual se apaixona por um primo de 20. E quando este casa com uma senhorita de 18, e a garota se vê desprezada, com o seu affecto infantil e o seu tamanho de boneca, desata a chorar e cáe numa prostração de alma e de corpo que a leva ao leito com uma febre de 40°...

Fantasia? Mas toda fantasia literaria é necessariamente um reflexo da vida real...

KEISA AIDA (S. Paulo) — Caro e brilhante confrade. Ha quanto tempo não recebia noticias suas! Bem sabe que o admiro muito e tenho muito prazer em têl-o como meu amigo.

Recebi o seu magnifico livro *O Japão*. Nessa obra, que representa um esforço inaudito, para o sr., — uma vez que a escreveu em portuguez, sendo o sr. de origem nipponica — nessa obra repitamos, o sr. presta um relevante serviço á sua patria gloriosa e a todos os brasileiros que se interessam pelo paiz das *geishas*.

No *O Japão*, o sr. concretizou com erudição, brilho magistral e numa synthese perfeita, a nacionalidade e o formidavel progresso da grande nação amiga, do Extremo-Oriente.

Si eu admirava o Japão, através da sua literatura, das suas artes, da sua hegemonia politica, etc., agora, com mais razão, e maior enthusiasmo, eu o reverencio e exalto, através da sua penna de historiador illustre, a serviço de uma causa tão nobre, como seja essa de revelar, aos meus patricios, em nossa lingua materna, a grandeza do povo japonez e a preponderancia da sua civilização, no Oriente.

De outra vez, e com mais vagar, falarei sobre o seu livro.

Peço-lhe mandar mais um exemplar para o nosso secretario, Martins Capistrano, e uma photographia sua, afim de que a publique com uma referencia ao apparecimento d'*O Japão*.

Estamos de accôrdo?

Vou tambem offerecer-lhe os meus livros, em retribuição á sua gentileza.

DESSAUNE (Espirito Santo) — Aqui estão as revistas capichabas, que me enviou e onde apparecem as photographias de v. ex. e de suas gentis irmãs.

Creia que gostei de todas ellas, (as revistas) e admirei a belleza das minhas leitoras, que me surprehenderam, confesso.

V. ex. é muito bonita. As suas queridas manas não o são menos.

E para que frisar que v. ex. creve bem — si, dizendo que é bonita, já disse tudo de uma vez?

Já vi que não é só o Rio Grande do Sul, S. Paulo e o Rio que dão moças elegantes e intelligentes. O Espirito Santo e, particularmente Victoria, não deixa nada a desejar.

Quanta capichaba encantadora, santo Deus! Como é difficil escolher, entre ellas!

GEORGE XX (?) — Meu caro poeta, choremos juntos a nossa triste sorte: — o sr. porque não poderá ser attendido e eu porque o não poderei attender.

E, emquanto o sr. prepara o lenço para enxugar as suas lagrimas, e eu, uma toalha e sabão (sim, porque choro azeite por um olho e vinagre pelo outro) dou aqui a sua carta, na integra, para que as leitoras bonitas nos consolem de tanta amargura e tristeza...

Lá vae ella — a carta:

"Caro mestre Yves. — O meu imenso optimismo, foi o meu integral incentivador dessa tentativa.

Foi elle que me impulsionou, me estimulou á rabiscar estas obscuras linhas, cujas, constituem, para mim, algo de inefavel e, talvez, constituirão para o espirito excelso do caro mestre, um enfado, uma esterilidade irritante...

Complacencia, pois. Não é avidez de perspectivas amplas que estua em mim, pois a immutabilidade do destino é tristissima...

E' um desejo singelo. Eil-o: São dois sonetos e dois fragmentos de prosa que envio á sua honrosa apreciação e, se por um accaso forem aceitos e haja possibilidade, era meu intenso desejo vel-os publicados na revista, em cujos folios, fulge a "verve" de seu espirito de cronista elegante.

Talvez seja difficil. Mas essa expansão, é uma expansão incoercivel... Porem meu optimismo... Responda pelo pseud: *George XX*".

Li seu romance e, a ductibilidade do estilo, me fez um seu sincero admirador. E' uma forma inedita de literatura á de, em trechos, demonstrar a veracidade do argumento através laconica phrase d'um escriptor erudicto, francez, inglez etc. E' uma sinceridade literaria. Uma inovação bella. *O ex-cordes.*"

Como vê, caro poeta, o sr. me chama de mestre, (dê licença para rir: quá, quá, quá, quá!) elogia-me a grande, diz que sou isto e aquillo, mas, o diabo é que o sr. escreve mal como um menino de escola.

E não quero concorrer para que a sua *pequena* lhe dê uma vaia.

(*Cont. na pag. seguinte*)

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephones: 2-4136 e 2-5456

FON-FON — 22-4-933

Data da consulta...............

Nome da consulente...........

....

FRUCTO DO PECCADO...

(Ao creador de «NEVROSE»)

RICARDO GONZAGA não conhecia outro prazer que não fosse o de trazer, todas as tardes, uma surpreza para sua filhinha, Alda, e abraçal-a commovidamente.

Alda ficára orphã de mãe aos cinco annos, e crescêra debaixo dos cuidados e carinhos de seu extremoso pae.

A sua vida é uma monotonia prolongada. Tem apenas um lampejo de alegria, quando, ás seis horas da tarde, diariamente, seu pae aponta na esquina, de volta da repartição.

Ricardo dedica-lhe todo o amôr, dá-lhe instrucção, e ambos se deleitam na leitura de bons livros.

Alda pouco passeia e quando o faz é em companhia do bom velho.

Seu espirito repousava numa calma de silencio e tranquillidade.

Conhecia o mundo através das obras de literatura e das revistas cariocas.

Ultimamente, Alda pedia a seu pae que a deixasse ir, aos domingos, á missa, sendo attendida pelo amoroso pae, sem relutancia alguma.

Com que alegria Ricardo a via afastar-se, com o seu lindo vestidinho azul! Hontem, a graciosa pequena renovou-lhe o pedido, com bastante alvoroço e Ricardo, grande psychologo, anteviu que algo de novo se passava naquella alma, e resolveu seguil-a de longe.

A pequena tomou um rumo differente ao que conduz á igreja e, numa esquina proxima, se encontrou com Mario, e ambos os garotos se puzeram a rir, pela maneira com que Alda conseguia afastar a vigilancia paterna.

E, de mãos dadas, passearam durante duas horas; emquanto, atraz de uma velha figueira, Ricardo, a custo, continha as lagrimas.

Triste e abatido, voltou para casa, trancando-se no seu gabinete de leitura.

Distrahidamente, abriu um livro, e leu: "Nossa tendencia para o soffrimento é tanta, que, do nosso passado, raramente lembramos as dôres das desillusões. Lembramos apenas as alegrias passadas para transformal-as em afflicções presentes".

Lendo essa pagina de Menotti Del Picchia, Ricardo, certamente, se lembrára do passado, porque apoiára a cabeça sobre as mãos e o pranto lhe banhára o rosto.

E, por sobre esse Niagara de lagrimas, boiava o cadaver do passado...

Si o homem pudesse arrojar para longe de si, desterrar de seu coração o Passado, deixaria de soffrer, deixaria sentir as garras escarlates do Remorso.

Mas, o Passado está sempre presente na memoria do homem. Não podemos desterrar do nosso "eu" o hontem da vida!

Não podemos reter os vôos do pensamento, porque elle transpõe todas as barreiras.

Podemos evitar os raios do sól, com uma simples cobertura, mas não podemos evitar a luz do pensamento...

E Ricardo naufragava no oceano de recordações. Alda, ao voltar do passeio, atira-se aos braços do progenitor, pedindo-lhe desculpas pela demóra. E o pobre pae apertava contra o peito a cabeça linda da filhinha. Seu cerebro escaldava: admoestaria a sua filho, por têl-o enganado? Destruiria aquelle amôr nascente e innocente, com uma simples palavra? Alda, surpreza por vêl-o tão calado pergunta-lhe:

— Papae ficou zangado pela demóra? O padre fez um sermão muito demorado. Não fique triste, papae!

— Não, minha filhinha. Não estou zangado. Estou triste commigo mesmo. Tu e Mario fazem muito bem em enganar-me. Por muito tempo, enganei a tua bôa mãe, com a mãe de Mario. E isso apressou a sua morte. Mario é teu irmão.

CARDOSO FILHO

— Oh, mulher! Não vês que estou occupado? Attende logo a esse telephone!

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

• • •

quando ler o seu soneto *Angustia*, e no qual o sr. lamenta não a vêr a seu lado...

Pudéra! Si ella lêsse o seu poemeto, certamente ella diria comsigo: "Que poeta bôbo! Quererá mesmo que lhe dê confiança, em ouvir-lhe os sonetos de "pés quebrados"... Tinha graça! Prefiro-o em prosa... muda ou em versos... calados..."

Pois é isso, poeta! Choremos a nossa sorte. E para alegrar as leitoras bonitas do "Saibam todos..." com uma pagina bôba, aqui vae o seu soneto:

ANGUSTIA

Os momentos que passo sem te ver,
Sem teu olhar, sem tua companhia,
Toda a belleza da minha alegria!
Eu me entristeço e sinto fenecer.

Tôrvos pensares me embebem o [ser,
Vejo a noite sem luz, sem luz o dia,
E sinto dentro em mim, recrudescer,
O vulto immane da melancolia!

E os dias correm, vão correndo [assim...
Em successão interminá, sem fim,
Sem vir, jamais, o momento anhelado!

Feliz desejo que me faz soffrer;
— Ah! se os dias que passo sem [te ver,
Pudesse ter-te aqui, sempre a meu [lado!...

YVES

ESTE E'O TONICO DAS IDEAS FELIZES E DO BOM HUMOR

Scismas, perturbações nervosas, insonias, fraqueza cerebral, má digestão e prisão de ventre, são males que não conheço! Tenho bom humor, espirito lucido, idéas claras e nervos controlados, porque uso diariamente Neurobiol.

Não teime, use Neurobiol, o tonico do cerebro, e será forte, sadio e robusto

Neurobiol

Vidro 8$000 nas bôas pharmacias.

Claudio. — (*interrompendo-o*). Estylo governamental: considerando que...

Benedicto (*imperturbavel*) — ... si considerarmos a vida de penuria a que outros tantos genios estiveram sujeitos...

Claudio (*declamando*). — Cheguemos á conclusão de que...

Benedicto. — Concluiremos que... (*E' mais conciso e, portanto, mais elegante*.)... Concluiremos que o escriptor deve ter em absoluto desprezo os louvores e as censuras. Estas, não raro, são dictadas pelo despeito; aquellas, pelo desejo de agradar. Sinceridade, hodiernamente, é "avis rara"!

Claudio (*bocejando*) Upa!... Acabou?

Benedicto. — Creio que sim.

Claudio. — Crê? Diga que acabou, pelo amor de Deus! Si você continuar eu acabarei dormindo.

Feminista

(*Continuação*)

Benedicto. — Nem outra coisa, sinão dormir, faz você, actualmente.

Claudio. — Não é exacto. Tenho lido.

Benedicto. — E que tem lido?

Claudio. — Homero.

Benedicto. — Bôa leitura. Homero é o eterno mestre da descripção realista.

Claudio. — Tem imagens soberbas.

Benedicto. — Porém, pouco variada. E' sempre: "Qual um touro magnanimo colhido por um féro leão..."

Claudio. — Comparação de longa cauda, segundo um escriptor francez.

Benedicto. — Os heróes de Homero são gozados: choram por dá cá aquella palha.

Claudio. — E' verdade! E é comica a corrida de Heitor, o mais bravo dos filhos de Priamo, em volta de Troia, perseguido por Achilles.

SCENA IV

Os mesmos, Dr. Hippolito

Dr. Hippolito (*entrando*). — Bôa tarde!

Benedicto. — Olá, doutor Hippolito!

Claudio. — Como vae essa bizarria!

Dr. Hippolito. — Assim assim!... (*Noutro tom*) Vou collocar este livro no logar. Bom livro! E que encadernação maravilhosa!

Benedicto (*tomando o livro*) Shakespeare! "Othelo"! E' bom livro!

Claudio. — O monstro dos olhos verdes!

Dr. Hippolito. — E' a melhor obra de Shakespeare!

Benedicto. — Não acho! Ao meu vêr, a superioridade de Shakespeare está na comedia: não na tragedia. Na tragedia é inferior a Eschilo; na comedia ninguem ainda o superou.

Claudio. — E Aristophanes?

Benedicto. — Ninguem!, disse.

Claudio. — Tem razão. Shakespeare é unico.

Dr. Hippolito. — Questão de gosto!

Benedicto. — E gosto não se discute.

SCENA V

Os mesmos, D. Quiteria e d. Augusta

D. Quiteria (*entrando, acompanhada de d. Augusta*) Está na hora de irmos, Hippolito! (*Vendo os moços*). Claudio, como vae você? E você, Benedito? Dois rapagões! Muita moça bonita há-de ficar babando por vocês...

Benedicto. — Bondade!

Claudio. — Gentileza!

D. Quiteria. — Sinceramente. Sou sempre sincera nas minhas opiniões.

D. Augusta. — Benedicto, bôa tarde!

Benedicto. — Bôa tarde, d. Augusta!

Claudio. — Alô, mamãe!

D. Quiteria. — Vocês vão dar licença. Precisamos ir. Adeus para todos!

D. Augusta. — Vou até lá fóra com vocês.

Dr. Hippolito. — Muito prazer em vêl-os. Appareçam lá por casa.

Quero mostrar-lhes algumas edições raras. E tenho tambem muitas primeiras edições. Appareçam!

Benedicto. — Com muito prazer.

Claudio. — Pois não!

D. Quiteria. — Adeus!

(*Sahem o dr. Hipollito, d. Augusta e d. Quiteria*).

Benedicto. — E' um bom homem o dr. Hippolito.

Claudio. — E uma lingua de sogra d. Quiteria!

Benedicto. — Si é!... (*Noutro tom*) Sabe o que estou pensando?

Claudio. — "Quem pensa não casa".

Benedicto. — E quem casa é burro. Eu, sendo intelligente, fico solteiro.

Claudio. — Emquanto...

SCENA VI

Os mesmos, Beatriz e Lenita

Beatriz (*entrando, seguida de Lenita*). — Póde-se entrar?

Claudio (*voltando-se*). — E' você? Entre.

Beatriz. — Já cá estamos.

Claudio. — Olá, Lenita!

Lenita. — Como está, Claudio?

Claudio. — Nem tão bem que não deseje melhor; nem tão mal que receie peor.

Lenita. — Li o seu livro e fiquei encantada.

Claudio. — Como você é bondosa! (*Noutro tom*). Já conhece o meu amigo Benedicto?

Lenita (*apertando a mão de Benedicto*). — De nome, sim!

Benedicto. — Naturalmente, Beatriz já lhe fez a minha caricatura, exaggerando os traços.

Beatriz. — Por mais habil caricaturista que eu fosse, não a faria melhor do que é realmente.

Benedicto. — Sempre gentil!...

Beatriz. — Acha, senhor Desdenhoso?

Benedicto. — Que você é a Cortezia em pessôa? Certamente.

Beatriz. — Espirituoso!...

Benedicto. — O espirito é o talento dos que não têm talento.

Beatriz. — Apoiado!

Claudio. — Vocês dois estão sempre em rusga.

Benedicto. — Jurou-me, a senhorita sua mana, uma guerra de ridiculo.

Beatriz. — Não fiz tal! Só o faria, talvez, si o não considerasse o proprio Ridiculo.

Lenita (*formalizada*). — Beatriz!...

Benedicto. — Não se preoccupe, senhorita! Si Beatriz me maltrata é porque gosta de mim.

Beatriz. — Eu gostar de você?!... Era preciso que o sól deixasse a terra ás escuras. No escuro, poderia tomál-o pelo meu cão "Sultão".

Benedicto. — "Sultão" felizardo! Tem as caricias da mais encantadora das mulheres.

Beatriz. — Conceder caricias a um cão é preferivel a ser escrava de um homem.

Benedicto. — Escrava por que? Si quizésse, seria, não escrava, mas rainha do meu coração.

Beatriz. — O seu coração é um bolo partido em mil fatias.

Benedicto. — Fique com uma das fatias na falta do bolo inteiro.

Beatriz. — Obrigada! Não gosto de bolos, principalmente de restos de bolos.

Lenita (*rindo*). — Vocês dois são um numero!

Claudio. — Um numero de malcriados.

Beatriz. — Estamos, Lenita, perdendo um tempo precioso com esses bichos de calças.

Benedicto. — E nós com a "leader" feminista. A proposito, como vão de conquistas?

Beatriz. — As nossas conquistas não pódem ser comprehendidas pela sua mentalidade.

Benedicto. — E curiosa a coincidencia: as minhas conquistadas não têm mentalidade.

Beatriz. — Creio. Porque a mulher que se deixa conquistar por um qualquer... assim como o senhor, é myope!

Claudio. — Apanhe, Benedicto!

Lenita. — Defenda-se, senhor!

Benedicto. — Pancada de amor não dóe; portanto não me defendo.

Beatriz. — E' lastimavel! Vamos, Lenita!

Lenita. — Até logo!

(*Sahem*).

(*Continúa no proximo numero*).

DE MANHÃ, AO MEIO-DIA, Á NOITE.

Os scientistas recommendam visitar o dentista duas vezes por anno. E o ideal é conseguir que o dentista nessas visitas annuaes nada encontre que tratar. Para isso, basta cuidar permanentemente dos dentes, escovando-os pelo menos tres vezes por dia em todos os sentidos. Como nunca se póde ter a certeza de que a escova penetrou em todas as cavidades e intersticios dos dentes, é importante usar o novo Creme Dental Gessy, cuja formula anti-acida, na qual se contém Leite de Magnesia, neutraliza as fermentações dos residuos mesmo nos pontos não attingidos pela escova.

Agradavel de sabor, fresco e hygienico, o novo Creme Dental Gessy garante a mais perfeita asepsia da bocca e clareia os dentes sem damnificar o esmalte, porque sua espuma branca não contém substancias arenosas ou abrasivas.

Todos os dias, de manhã, ao meio-dia e á noite, escove os dentes cuidadosamente com o novo Creme Dental Gessy.

CREME DENTAL

GESSY

PRODUCTO DA CIA. GESSY S. A.

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 16

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1933

AS MULHERES SÃO SEMPRE AS MESMAS

* * *

De BASTOS PORTELA

HA quem censure acremente Julio Dantas pela preoccupação que tem o creador da "Ceia dos Cardeaes" de não fazer outra coisa sinão psychologia feminina. Os seus themas, na generalidade, versam sobre saias e "rouges".

No emtanto, eu o admiro por isso. Admiro-o pela tenacidade incansavel de estudar um assumpto demasiado explorado e já, por assim dizer, sem nenhum segredo a revelar. Sim.

A alma das mulheres é a mesma. Si é que lhes podemos attribuir uma alma... O mais certo seria deixal-as sem ella. Em todo caso vamos admittir esse absurdo engraçado.

Não é só o estylista portuguez quem ainda acredita que se possa encontrar algo de extraordinario na psyché de uma Eva.

— Tolstoi, homem grave e sizudo, tambem se deu ao grato prazer de estudar o intimo da mulher.

E' interessante notar o que elle ensina, na *Sonata de Kreutzer*, para se conhecer bem a alma feminina.

Poznicheff, uma das suas personagens centraes, aconselha, convicto, a outra personagem, Troukhassinsky: "E' preciso não dar muita importancia ás palavras de uma mulher. As suas argumentações lhes dão sempre razão. Si quizer saber toda a verdade, é bastante fechar os olhos e escutar a sua voz embaladora... e, um dia, uma entonação bizarra, uma impaciencia subita lhe darão a impressão exacta e perfeita de que você é enganado por ella."

Pode ser que isso esteja certo. Mas, só nesse particular. Quanto ao resto... O resto falha, quasi sempre. E' tolice insistir. E' mesmo perder tempo.

Ver uma é vêr a todas. Asseguro-o.

Querendo ser originaes, differentes das outras, ellas se assemelham, entre si, por essa mesma razão. Na vida, no amor, e em tudo o mais, agem como na casa da costureira.

Não querem nunca que as suas toilettes se pareçam com as outras. Mas, á força de buscar originalidade, acabam vestindo de maneira tão uniforme como se estivessem numa confraria, como as Filhas de Maria, ou as enfermeiras da Saude Publica.

Quando tratam de estudar o homem, são sempre accórdes nas suas idéas e conceitos. Para ellas, nós outros, somos todos uns hypocritas, uns confiados, uns patifes. Desfructadores da sua inexperiencia. Ingratos e perversos.

São todos umas viboras, dizia a famosa Ninon de Leanclos. São egoistas e maus, asseverava Mme. de Stael, com a sua sapiencia pedante.

Si tentam contrariar-nos, usam todas os meus processos e embustes. Podendo dizer *não*, de uma vez, dizem *sim* para terem o delicioso prazer de nos ludibriar. Somente para isso.

De modo que si, hoje, vamos conhecer uma dessas idéas, podemos, de antemão, prevêr o que acontecerá.

Chiqué. Pudores exaggerados. Difficuldades, atrapalhações e phrases como esta: "Eu nunca saio sosinha... Sou muito vigiada..." Ou, então: "Não acredito nos homens! Os homens são todos iguaes." Ou ainda: "Tenho muita confiança na minha pessôa... Sei bem o que faço..." E si lhe pedimos um pouco de bôa vontade, classificam essa coisa facilima de — "sacrificio", "absurdo", "impossivel" — como si para a intelligencia, o ardil e a habilidade de uma mulher existisse alguma muralha a vencer.

Bôbos que são os psychologos! Toda psychologia feminina se resume nestas duas simples palavras: "Sim" e "não".

E acabou-se.

Rendas de espuma

«SEU» SILVA...

HA figuras de tal maneira curiosas que não é possivel a um chronista passar por ellas sem estudál-as, sem lhes aprofundar a alma, sem lhes estudar as idéas.

E' que ellas se isolam, naturalmente, da generalidade dos individuos. Umas pelo physico, outras pelo espirito.

São typos que, parece, reunem em si a essencia de varios outros typos da mesma especie.

E é assim que se crêa ou imagina um Tartarin de Tarascon, um d. Quixote, um Pére Goriot, um Conselheiro Accacio, um Werther ou um principe Hamleto.

Póde-se pensar que elles são productos da imaginação. E' possivel. E' mesmo muito natural que assim aconteça e se julgue.

Mas, a verdade é que essas personalidades são sempre o resultado de copias, mais ou menos fieis, de individuos que tiveram ou têm uma existencia real.

Não será esse o caso do meu amigo Silva? Ou antes o *seu* Silva — como é elle mais conhecido, entre os que o conhecem e estimam?

Quem é, porém, o *seu* Silva?

Vou vêr si consigo apresentál-o aos senhores.

* * *

Seu Silva...

Comecemos, porém, de outro modo...

Homem pacato, morigerado e risonho, amigo da ordem, chefe de familia exemplar, prudente, e, ao mesmo tempo, impulsivo e sagaz, *seu* Silva, esse excellente typo do funccionario publico, é uma personalidade singular.

Para occupar, como verdadeiro "brasseur d'affaires", os tres empregos que lhe tomam o dia todo, na luta do ganha pão, confessemos que o seu preparo intellectual, não é dos mais solidos, nem completos. Mas, os seus intimos — como eu que o vejo, diariamente, na minha repartição, — estão accordes em affirmar com um sorriso de admiração exaltada: "Si o Silva tivesse um pouco mais de cultura, seria, de certo, um maleficio e um assombro."

Confesso, de minha parte, que o nosso homem é, quando não assombroso, pelo menos, surprehendente e bizarro.

O que mais admiro nesse Juvenal fluminense (Sim, porque *seu* Silva é filho da terra de Araribóia) é a philosophia com que encara a vida real e a lição que sabe extrahir de cada circumstancia.

Laura Suarez tornou o seu nome conhecido, tocando violão e interpretando canções e sambas brasileiros. Em nossos salões mundanos e centros artisticos, ella é mesmo uma das «estrellas» desse genero do nosso «folklore» estylizado. Irradiando uma sympathia profunda, a formosa artista attráe e encanta pelo brilho da sua intelligencia, pela magia da sua arte e pela graça luminosa da sua personalidade. Tudo isso, pois, faz prever o successo que Laura Suarez alcançará, naturalmente, como figura principal que é de «Ficou um beijo em minha bocca», a segunda peça da «Uiára», de Luiz Barros, e que vae ser levada no Theatro Carlos Gomes.

Risonho, epigrammatico, rude e franco no modo de vêr os homens, *seu* Silva é bem um manual de sabedoria e experiencias da vida.

Para tudo, elle encontra uma satyra, uma conclusão philosophica, uma analogia gaiata, uma lição de moral.

Tem-se a impressão viva de que traz o espirito cheio das fabulas de La Fontaine e das parabolas do Novo Testamento.

Outras vezes, o nosso Silva, severo e sêcco, lembra apenas Alceste. Um Alceste irreverente e bohemio, nas suas tiradas sarcasticas, ou mesmo com aquella sua misanthropia pungente, tão antithetica ao optimismo sadio do dr. Pangloss.

Para dar um traço forte da sua *verve*, alliada á sua capacidade critica e á qualidade de caricaturizar, num relampago, os individuos e as coisas, recordarei um interessante episodio.

Certa vez um cavalheiro qualquer enfiou a cabeça num *guichet* da nossa repartição. O intruso estava mal humorado. E, ao que parece, não agradou a *seu* Silva.

Este, fulminante, na sua caricatura, observou irritado:

— Esse pobre diabo mette aqui a "caveira", e faz uma *pose* como si fosse gente, e não um desgraçado defunto".

Formidavel! Formidavel porque, de facto, cadaverico e feio, o homem não podia lembrar senão uma caveira.

Ha muitos outros no genero, que são magistraes.

Todos, porém, com aquellas tintas das satyras "só para homens"...

Que pena, eu não poder contál-as! — Yves

Mlle. Suzanne Alphand, filha do ministro de França na Irlanda, mr. Charles Alphand, com o seu rico vestido de noiva, creação da Casa Jean Patou, de Paris. Mlle. Alphand é actualmente, madame Michael-E. Fitzgerald.

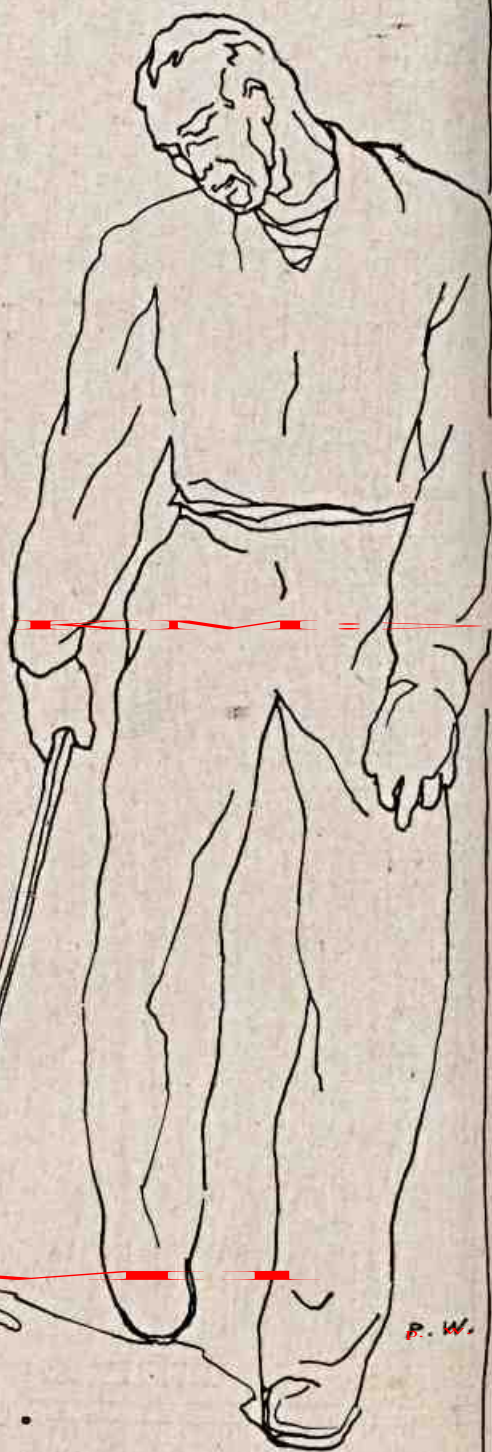
(Photographia exclusiva para FON-FON. Reproducção prohibida).

POENTE

Envelhecer... Sentir que a vida muda
Quando é o coração que se entristece...
Sentir que a voz aos poucos se avelluda
E o sol do sonho não mais nos aquece...

Envelhecer... O anhélo se transmuda
Da ansia incontida para a suave prece...
Para que o coração não mais se illuda,
A gente renuncia, deixa, esquece...

Perto de nós a eterna mocidade
Passa buscando tudo o que quizemos
Outróra, no esplendor da mesma idade ..

E silenciosamente comprehendemos
Na busca alheia da felicidade,
Que apenas somos nós que envelhecemos...

Nilo Bruzzi

BAILES DE ALLELUIA

Nossa pagina focaliza tres aspectos dos bailes de Alleluia no Flumisense F. C., no Botafogo F. C. e no America F. C.

TRELEPAÇÕES

MADAME foi ás aguas, deixando o marido no Rio com as ruas livres...

O austero esposo, que ha muito vivia sob um regimen apertado de entradas e sahidas, abusou da liberdade e cahiu na *farra*.

Nem siquer sobrava tempo para escrever cartas á esposa, queixando-se do isolamento, da triste vida longe do bem amado, como é de regra em se tratando de maridos *piratas*. *Madame* reclamava noticias, recriminava a negligencia do marido, mas as noticias eram cada vez mais raras, e quando chegavam eram por intermedio de postaes rabiscados ás pressas. Porém, um recadinho anonymo pôz a alma de *madame* em alvoroço. Mandaram contar á esposa ingenua o novo genero de vida que o marido fazia aqui no Rio, onde era visto em toda a parte e sempre muito bem acompanhado.

Que ella voltasse immediatamente, sinão era uma vez o marido... O choque foi terrivel. *Madame* no primeiro instante, pensou fazer as malas e voltar correndo para reconquistar o marido. Porém, pensando melhor, mudou de rumo.

O patife merecia ser castigado, e *madame* vingou-se como lhe pareceu melhor no caso. Arranjou um *flirt* elegante, e fez uma estação de aguas muito mais agradavel. Até se demorou além do prazo prefixado pelo marido, que, assustado com as despezas acabou solicitando á mulher que voltasse, que *aquillo* já estava fóra do programma. *Madame* voltou á casa, mas, está differente, como diz o *casto* esposo.

Tão differente que não sabe si elle está em casa ou na rua, tão differente que elle já anda *assustado*.

Não é para menos, porque *madame* já agora sabe que gosto tem o *flirt*, e resolveu continuar no Rio os deliciosos dias de radiação elegante da estação de aguas. E, era uma vez um marido...

* * *

PARECIA um arranjo reservado do sympathico official de marinha, porém, agora vae se tornando publico.

E' que ambos perderam inteiramente a cerimonia...

Não mais se escondem nos cantos das salas dos cinemas, nem nos ultimos bancos dos bondes para um *fiapo* de prosa discréta. Agora é á bessa!

Quando as casas de chá estão repletas, os cinemas cheios, é que elle e ella apparecem, mui chegados um ao outro, segredando coisinhas amaveis, sorrindo, sorrindo sempre. Ainda no domingo, no Jockey, durante as corridas, lá estavam agarradinhos, felizes, tão felizes que até esqueciam os vizinhos... Tambem ao nosso lado uma garota viva fazia interessantes commentarios acerca da attitude do militar e mais do desembaraço de *madame*. Será mesmo que o *outro* resolveu não tomar conhecimento do facto? Parece...

* * *

TODAS as tardes o capitalista deixa o escriptorio allegando negocios urgentes.

Sáe quasi correndo em direcção á Cinelandia e mette-se numa determinada sala onde alguem o espera para os *negocios urgentes*...

Os minutos correm, o *film* tambem corre, e quando o capitalista olha para o relogio, sáe novamente correndo para fechar o expediente do escriptorio, onde os seus dedicados auxiliares, debruçados sobre os *borradores*, *caixas*, etc., aguardam agora o patrão com sorrisos brejeiros.

Vida apertada...

* * *

O *homem mysterioso* está na ordem do dia, lá pelos lados do Andarahy.

Não se trata do personagem de Wallace, de uma das suas famosas novellas, mas de um rapaz de bôas roupas que resolveu intrigar os moradores de uma rua inteira.

Elle, em horas diversas, entra e sáe da casa pequenina onde vive o seu amor, sem ser percebido ou identificado por mais exhaustivos esforços da vizinhança.

Foi por isso que recebeu do pessoal desapontado o titulo de *homem mysterioso*.

Acontece, porém, que sem esforço de nossa parte, pudemos descobrir de quem se trata, e aqui estamos para ajudar os vizinhos da casa pequenina a decifrarem a charada.

O *homem mysterioso* usa um annel de advogado, mas não é bacharel!

Habitualmente, veste-se de azul marinho e traz chapéu de palha.

Quando fuma, faz uso de uma piteira que dá um azar cachorro...

Olhos azues, nariz abatatado, bocca rasgada... Não diremos mais nada, porque então seria sopa a identificação desejada pelos moradores da pacata rua.

Emfim, amigos, o homem *é de circo*...

Uma «pose», encantadoramente pittoresca, da galante e graciosa garotinha Léa Maria Magalhães de Almeida, querida filhinha do dr. H. A. Magalhães de Almeida e de sua exma. esposa d. Leozinha Magalhães de Almeida.

O Tijuca Tennis Club, como todos os annos, festejou, brilhantemente, a passagem do sabbado de Alleluia, com um baile animadissimo. Nos luxuosos salões do apreciado club, reuniu-se o que o Rio possúe de mais fino e elegante. Foi uma linda «soirée», que, de certo, assignalou um acontecimento de grande esplendor mundano.

Caverna de Ali Babá

«Si amas, decide por ti!» — é o titulo do novo romance de Custodio de Viveiros, que a Civilização Brasileira Editora vem de publicar. E' bem interessante essa obra do apreciado escriptor patricio. Defendendo uma these social de actualidade, referente á situação da mulher na sociedade moderna, Custodio de Viveiros offerece-nos um livro forte, de feição realista, bem escripto, bem movimentado, fixando admiravelmente coisas e aspectos da vida trepidante dos nossos dias.

HISTORIA DUM ENFORCADO

Servia de oratório aos condemnados á morte, na villa do Crato, um pequeno aposento da Camara Municipal, em cujo rez do chão ficava a cadeia. No dia 4 de dezembro de 1835, ali se achava recolhido o mestiço José Marianno, que devia ser enforcado na manhã seguinte.

Sentado num tamborete e curvado para pequena mesa de madeira tósca, comia e bebia com grande appetite, emquanto, de olhos baixos, com o breviario nas mãos, padre José Joaquim de Oliveira Bastos, seu confessor, passeava para lá e para cá, resando em voz sumida. O criminoso exigira verdadeiro banquete para a época e o lugar: gallinha de cabidela, vinho e bôlos. Satisfizeram-lhe a ultima vontade. E ali estava agora calmamente saciando o appetite.

Entretanto, praticára um crime bárbaro, com todas as agravantes. Premeditára-o longamente. Cometêra-o de tocaia, a sangue frio, dando pasto á sua crueldade. Inimigo por questões sem grande importancia de José Ferreira Castão Júnior, atrahira-o ao sitio Salgadinho, ferira-o gravemente á traição e levára muito tempo a torturál-o antes que exalasse o ultimo suspiro, arranhando-o e palitando com a ponta da faca. Depois, montara a cavallo e fugira até o Icó, onde pretendia assentar praça e, assim, livrar-se das consequencias do homicidio. Mas a justiça, sempre taxada de ronceira, dessa vez andou depressa; e as autoridades icoenses receberam das do Crato uma precatoria em tempo de o prenderem.

Respondera a jury em 28 de novembro de 1834 e fôra condemnado á forca. "Cabra facinoroso" como o denominava o juiz de direito interino José Victorino Maciel, não recorreu a appello algum, conformando-se com a sentença. Era de rara coragem. Comia tranquillamente na vespera da execução e para o patibulo caminhou sereno, de camisa e calças brancas bem engomadas, e passo firme e a cabeça eréta.

Menos seguro de si parecia, a seu lado, o carrasco Cavaco, famoso no sul da Provincia do Ceará, que tinha uma historia interessante e digna de registro. Era um cabra retinto, quasi negro, condemnado á morte anteriormente por ter morto um pobre homem que lhe cobrára cem réis. O Poder Modelar comutou-lhe a pena em galés perpetuas. Fizeram-no verdugo e era a primeira vez que servia. Depois, passou a ter certa pratica, pois executou quatro réus. Quando ficou velho, tiraram-no da enxovia e deixaram-no viver no corpo da guarda. A's vezes, consentiam que desse um passeio pelas ruas. Numa dessas sahidas, matou um sujeito. Recolheram-no á cadeia e, antes de acabar esse segundo processo, entregava á alma ao Creador. Entregava coisa bem ruim...

Batiam oito horas da manhã quando José Marianno subiu os degráus da forca e lá de cima olhou sobranceiro a multidão que se apinhava para vêl-o. Fez um gesto e no silencio profundo que se seguiu pronunciou estas palavras:

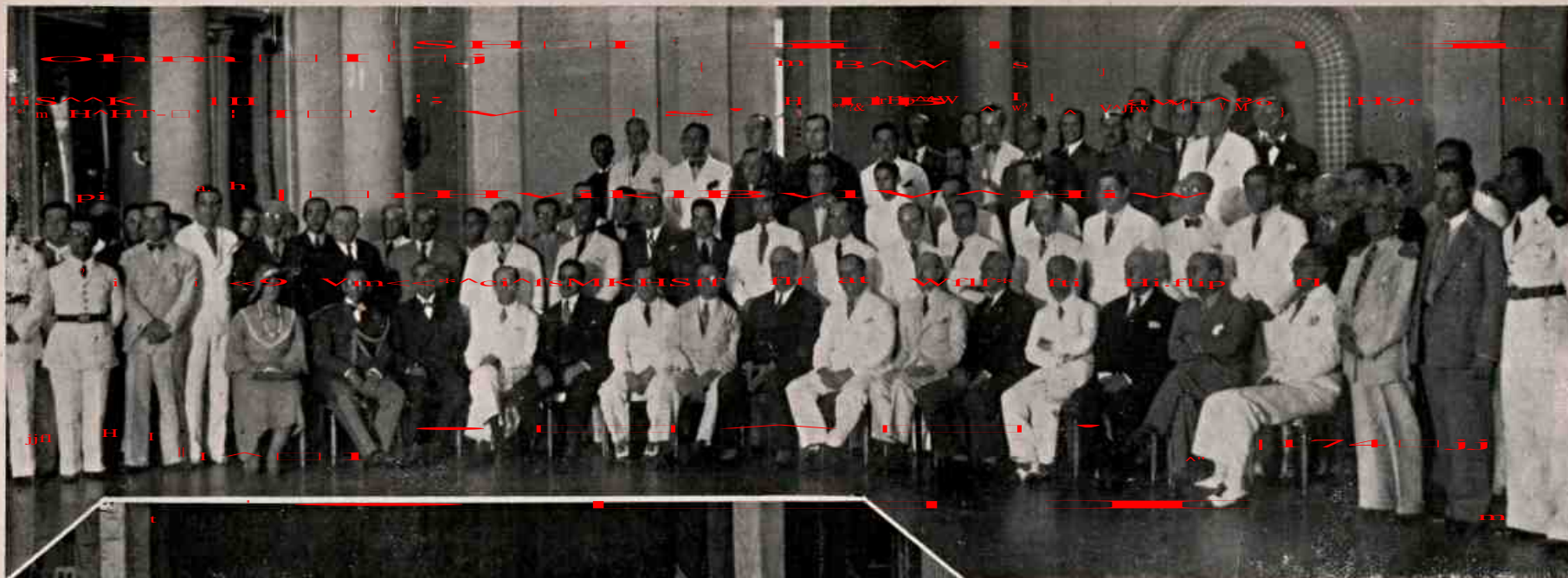
"Paes de familia, tomae exemplo por mim! Minha mãe não me deu bôa educação e vejo-me aqui neste lugar onde vou morrer, porque os homens me condemnaram pelos meus crimes!"

Calou-se. Cosme Cavaco passou-lhe o laço ao pescoço, empurrou-o no espaço e cavalgou-lhe os hombros. A corda, porem, não resistiu áquelle duplo peso, partiu-se e, emquanto o carrasco ficava pelas mãos dependurado da trave, o réu batia em cheio no sólo, escabujando. Um grito de horror vem do povileu. Então, um dos guardas nacionaes da força que cercava o patibulo levou a longa espingarda de pederneira á cara e deu ao gatilho. Um tiro varou a cabeça do desgraçado, acabando de matál-o instantaneamente.

E o exemplo a que elle alludira. Foi um exemplo sem valor. Milhões de vezes a crueldade humana o tem repetido á face do planeta sem o menor resultado. Elle achava que lhe havia faltado a educação materna. Ella, em verdade, vale mais que todos os patibulos erguidos e por erguer.

SÉSAMO

Pizarro de Loureiro acaba de publicar uma obra interessantissima — «O Chaco Boreal» — em que expõe, com farta documentação, o seu ponto de vista relativamente ao litigio territorial que, hoje, traz em lamentavel luta armada a Bolivia e o Paraguay. Nesse estudo, de intensa actualidade na vida internacional do continente Sul-americano, o distincto escriptor revela seguro conhecimento do delicado assumpto que aprecia e analysa.

Jugurtha de Castello Branco é um dos raros autores que têm a coragem maudita de escrever romance, nesta terra. Isso sendo tambem poeta e tendo publicado já o poema «Poeira dos sonhos»... livro que foi bem recebido pela critica. Depois dessa obra, Jugurtha deu ás nossas letras o romance «O Brasil em cuecas», de fundo politico-social. Agora, interpretando bem as preferencias do nosso mundo ledor, apparece com um novo romance, cujo titulo define o genero que explorou: «Uma mulher sem coronel». Nessas paginas, é claro, Castello Branco fez a critica da nossa sociedade, salientando, mais uma vez, as suas bellas qualidades de escriptor.

Os amigos e admiradores do capitão Dulcidio Cardoso, illustre director geral da Educação e nome de destacado relevo no scenario da vida nacional, prestaram-lhe, no ultimo sabbado, significativa homenagem de apreço, celebrando com um banquete a nomeação daquelle distincto patricio para o elevado posto que lhe foi confiado. Essa justa e expressiva manifestação de sympathia e estima realizou-se no ultimo sabbado, 15 do corrente, no salão de banquetes do Automovel Club do Brasil, tomando parte na mesma, figuras de alta representação nos circulos politicos, militares, intellectuaes e sociaes desta capital. Num ambiente da mais fina distincção e cordialidade decorreu a homenagem tributada ao capitão Dulcidio Cardoso, proferindo os discursos officiaes, que foram largamente irradiados, o consagrado escriptor Renato de Almeida e o professor J. Accioli. Esteve presente, tambem, o dr. Washington Pires, ministro da Educação e Saúde Publica.

⁂

Celebrando o transcurso do 2.º anniversario da proclamação da republica hespanhola, o «Comité Republicano Nueva España» realizou, no ultimo sabbado, entre outros festejos, brilhante sessão solenne nos salões do Centro Gallego, e que foi presidida pelo novo ministro da Hespanha no Brasil. A essa solennidade compareceram figuras de representação nos circulos diplomaticos dos paizes hispano-americanos, altas autoridades brasileiras e numerosos membros da colonia hespanhola. Nossa gravura fixa um aspecto das festivas commemorações do Centro Gallego.

UMA das mais graves affecções que atacam a humanidade é o ciume. Intoxicação psychica incuravel, de incriveis consequencias, póde-se até consideral-a o systema perfeito de toda a criminalidade passional do universo. No Brasil, o ciume é uma endemia perigosa. A alma affectuosissima do nosso povo soffre o ciume entre explosões deploraveis ou soffrimentos terrificos. E o noticiario dos jornaes é um inquerito flagrante das desgraças que a fatal intoxicação psychica espalha por essas terras lindas do nosso rincão.

Explicações varias poderiam justificar o predominio do ciume sobre os nossos destinos. O clima, a emoção deslumbrada dos nossos instinctos, a intelligencia vivissima da nossa raça, tudo são factores que favorecem a exaltação dos nossos zelos de amor proprio. Ha, entretanto, controversias que destruiram essas velhas theses de defesa aos ciumentos. Não me interessa, porém, accusar os amorosos que se destróem, num processo angustioso de auto-desaggregação physica, moral e intellectual e numa canseira estéril que, não raro, os leva á miseria completa. Eu dedico uma profunda sympathia aos ciumentos. Considero-os doentes incuraveis, doentes atypicos de uma infecção mysteriosa, que seria melhormente curada por suggestões espiritas, do que por meio de vacinas, sôros ou tisanas.

Os ciumentos se dividem em pittorescos ou ridiculos, terriveis ou temerosos. São desvairados a quem o amor domina e aniquila nos surtos ephemeros das paixões. E como corrigil-os? Servirão as palavras logicas de um bom raciocinio? Calar-se-á a sua colera deante de argumentos frios e justos dos mais sensatos? Nada os consola. Nenhuma verdade os allivia. Só o amor cruel os vinga e os acalma. Sedentos, irracionaes, os ciumentos se consomem num desespero de afflicção, trahindo sentimentos estorsivos, ás vezes, á sua propria dignidade, ferindo-se a si mesmos com as armas de uma baixeza lastimavel. Os terriveis ou temerosos ferem, matam e calumniam numa fereza de monstros. Mas, são irresponsaveis. Victimas imbelles do amor...

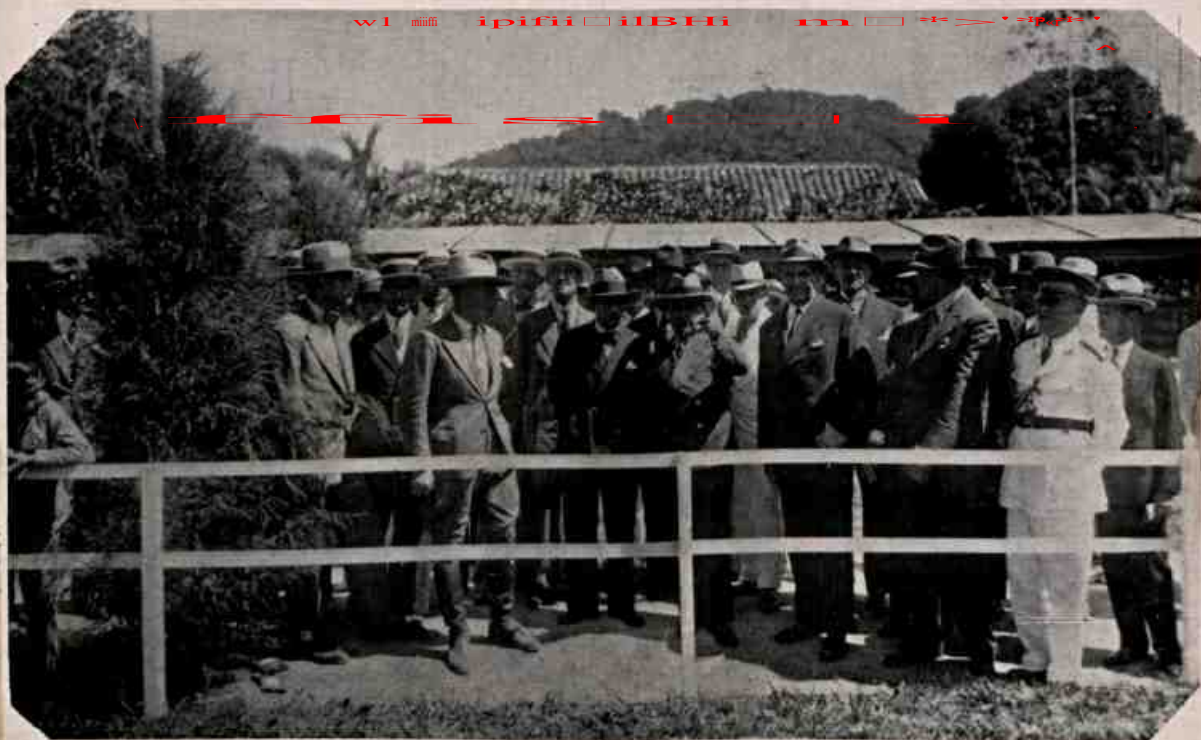
As mulheres, raramente, estão classificadas nesse numero dos ciumentos temerosos. Os seus ciumes são dóces, e, quando muito, cansam a sensibilidade. Raramente estragam os destinos dos seus amores. A mulher brasileira é a victima impenitente do seu proprio zelo.

Envelhece e torna-se fastidiosa na perspectiva atroz dos casos de amor do seu esposo ou amante. Esquece-se, deploravelmente, dos seus direitos á belleza, á graça e á harmonia da vida, para se entregar á espionagem, á escuta de tudo que lhe possa trazer luz aos seus trabalhos de investigação sobre os passos diarios do seu amor.

Dahi o desaprumo da sua personalidade, o tedio da sua convivencia e o desassocego do seu lar.

Os ciumentos, no Brasil, aquelles que vivem para depredar o patrimonio precioso que é o genero humano, precisam de cuidados especiaes. São toxicomanos singulares que se deverá guardar em nosocomios modernos, sob a vigilancia de especialistas. O commentario insistente da imprensa não deveria soar aos ouvidos de todos como uma propaganda de factos ridiculos. Mas, deveria causar alarma aos interessados por todo o bem da humana gente.

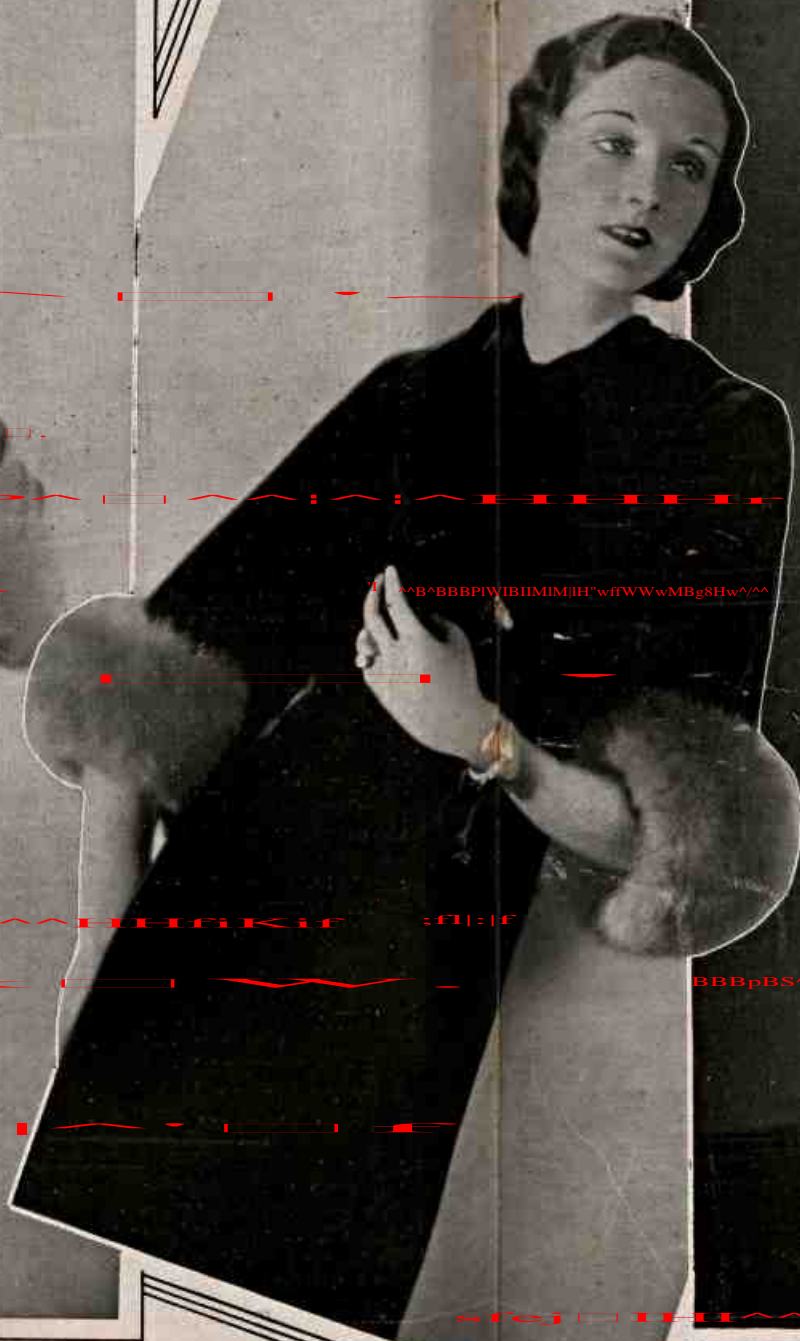
O ciume, tomando, entre nós, caracter epidemico, está a merecer uma providencia seria. O microbio é tenaz. Peor do que o bacilo de Koch de Hansen e outros temiveis bichinhos que a minha illustre amiga doutora Beatriz Gonzaga anda a pesquizar incessantemente. O ciumococcus deve ser combatido sem treguas. E venham as vacinas ou os passes do espiritismo, seja o que fôr. Pedimos, todos nós a una voce é que se combata o microbio e se isolem os doentes.

Porque a vida, cada vez mais amena e gozavel através das suas fórmas amaveis e deliciosas, não deve continuar a ser deturpada por estupidez ou pathologia dos ciumentos temerosos. Quanto aos outros, aos ciumentos ridiculos, esses deixemol-os viver em paz... São figuras esplendidas que nos divertem. Assemelham-se aos bebedores elegantes que nunca se embriagam. Ficam alegres e espumantes, conservando o espirito em permanente effervescencia radiosa.

O sr. Getulio Vargas, tendo á direita o dr. Yeddo Fiuza, prefeito de Petropolis, apontando um trecho da interessante exposição inaugurada domingo ultimo.

COM a presença do sr. Getulio Vargas, chefe do governo provisorio; commandante Ary Parreiras, interventor no E. do Rio; representantes de varios ministros de Estado; dr. Yeddo Fiuza, prefeito de Petropolis; outras autoridades, jornalistas e numerosas familias, realizou-se domingo ultimo a solemne inauguração da Terceira Exposição Pecuaria de Petropolis, promovida pela Associação de Criadores daquelle municipio, de que é presidente o dr. Raul Braga de Azevedo. Foi uma festa muito animada, a que se seguiu succulento churrasco, em que tomaram parte o sr. Getulio Vargas e sua comitiva. O jury deu o titulo de campeão e 1.º premio ao touro "Astro", de propriedade dos srs. São Mamede e Lampreia. Nossas gravuras fixam aspectos dessa solennidade de domingo na encantadora cidade serrana.

A senhora Getulio Vargas assistindo a uma demonstração no Departamento do Café annexo á Exposição.

A MULHER CHIC

CREAÇÕES JEAN PATOU

Blouse de crêpe satin rose.

Velours de ton «caroubier». Renard bleu.

Béret de velours blanc brodé dis-
cretement de soie.

(Photos especiaes para FON-FON).

Alto-Falante

O HOMEM QUE NUNCA TINHA AMADO

— *SABES?...*

— *Que?*

— *Resolvi casar-me...*

— *Como? Tu, casares-te?!*

— *Sim, meu amigo: estou cansado da vida. Cansado e desilludido de tudo.*

— *E... casas-te?...*

— *Appellando para o casamento como um acto de supremo desespero... Este tedio que me domina a alma e o coração... Se estivesses dentro de mim!... Já não tenho contrôle sobre mim: meus nervos é que dirigem minha vida, no sabor dos seus caprichos morbidos...*

— *Mas, se te casas, em tal estado, apenas aggravarás a tua situação.*

— *Para os grandes males...*

— *Sim: os grandes remedios, os recursos extremos... Isso, porem, não cabe no teu caso. Nunca ouvi dizer que se curasse um desatino com outro desatino, um accesso de loucura com uma loucura maior...*

— *Ahi, precisamente, é que está o teu engano. Antes de tomar esta resolução extrema, pensei, meditei, e estudei bem a minha situação, sem esquecer, mesmo, os detalhes e os possiveis imprevistos della resultantes. Os extremos de um dilemma inelutavel se me apresentaram ao espirito: e, ou, malucamente appellaria para o suicidio de facto, sempre ruidoso offerecendo, assim, uma nota gritante de sensação ao grande publico, ou, meu caro, appellaria para esta especie de suicidio intimo, domestico, um tanto clandestino, que se objectiva na derrapagem do casamento... E' o que vou fazer, dentro de poucos dias...*

— *Hum!...*

— *E' possivel que estejas pondo de quarentena a minha integridade mental...*

Hernani de Irajá tem sempre o seu nome focalizado no cartaz dos successos de livraria que se veem registrando. Interessante organização de escriptor, — scientista, literato, pintor, — o illustre medico patricio iniciou, ha tempo, a publicação de uma série de obras notáveis e da maior actualidade sobre os phenomenos de ordem sexual. Obras de caracter puramente scientifico, esses trabalhos são verdadeiros tratados de educação sexual. «Sexualidade Perfeita» — é o titulo do ultimo volume ora exposto, com ruidoso êxito, nas livrarias desta capital, e, com prazer, já podemos antecipar o proximo apparecimento de um outro livro do illustrado e fecundo escriptor, na mesma ordem de estudos — «Psycho-pathologia da Sexualidade», a figurar na Bibliotheca de Cultura Psychologica. «Sexualidade Perfeita» é uma obra de incontestavel utilidade para ambos os sexos, pois nella se encontram capitulos interessantissimos sobre a educação sexual dos esposos, sobre o conceito de leis moraes e immoraes, amôr livre, desquite, divorcio, etc. Editou-a a Livraria Freitas Bastos e o successo que vem alcançando corresponde ao seu valor e utilidade.

— *Francamente, um pouco...*

— *Tranquilliza-te. Estou perfeitamente são de espirito...*

— *Mas, ao menos gostas um pouco da mulher com quem vaes casar?*

— *Um pouco, sim... Quero dizer, eu proprio não comprehendo bem este estranho caso. A's vezes, parece que gosto; de outras, tenho-lhe quasi odio!...*

— *Ah! Já te comprehendi. Tu a amas, meu caro. E a amas loucamente, a ponto de lhe sacrificares a tua velha e doentia aversão ao casamento. O teu amor proprio, o teu egoismo de homem, o teu orgulho, emfim, é que está magoado, ferido, violentado, que foi, por uma paixão que não pudeste vencer, que não pudeste dominar, e que te tomou de assalto, insidiosamente...*

— *Eu, apaixonado?! Heim? Que estás a dizer?*

— *Que encontraste a mulher que te fez relegar, renegar as tuas idéas de celibatario enragé, vermelho, rubro...*

— *Mas, se eu, digo-te, me suicido, e considero-me um homem liquidado!*

— *Um celibatario de menos e mais um romantico amoroso em pleno outomno da vida — eis tudo.*

— *Escuta: sinto, porem, que ás vezes lhe tenho odio. E — coisa incrivel — côro, meu amigo! O sangue fervilha-me e queima-me as faces...*

— *E' o amor e só o amor — talvez o teu primeiro amor verdadeiro — o que te traz assim perturbado.*

— *Na minha edade? Eu, um blasé, um homem cansado da vida?...*

— *Um homem que só agora vae encontrar encantos na vida. Porque, só agora, estás começando a ter a revelação da propria vida...*

— *Commettendo um acto de desespero?...*

— *Amando... embora sentindo vergonha de confessar o seu amor de... collegial...*

— *De collegial?...*

— *E, então?*

— *Talvez tenhas razão. Talvez eu a ame, realmente... Mas...*

— *Mas?...*

— *Não sei bem o que sinto: ha uma esquisita doçura no sacrificio que me imponho... No emtanto, soffro e desespéro...*

— *O mal do amor é assim mesmo: complicado, complicadissimo, meu amigo.*

— *E'... Tens razão: tudo isso é mesmo... amor!*

— *Se é!...*

MAX LINDER

O Automovel Club do Brasil offereceu á petizada carioca uma linda festa de Paschoa, que se caracterizou pela alegria de uma tarde cheia de sorrisos e de... bombons.

O ANNIVERSARIO DE «FON-FON»

INNUMERAS foram as provas de sympathia que nos chegaram por motivo da passagem do 26.º anniversario de FON-FON. Em visitas pessoaes á nossa redacção, em cartas, cartões e telegrammas, recebemos os cumprimentos de milhares de amigos desta casa, que nos trouxeram, num commovido gesto de admiração e de affecto, os votos de prosperidade pela nossa grande data.

Todas essas demonstrações de apreço profundamente nos sensibilizaram pela espontaneidade de que se caracterizaram e pela maneira expressiva como vieram realçar o prestigio de FON-FON em todas as classes da União Brasileira.

Agradecemos, do fundo da alma, as felicitações com que nos distinguiram os nossos amigos, tanto as dirigidas collectivamente ao pessoal de FON-FON, como as recebidas individualmente pelo nosso director, sr. Sergio Silva.

Tambem o Botafogo F. C. não se esqueceu de proporcionar ás creanças cariocas um alegre domingo de Paschoa, offerecendo-lhes nos seus luxuosos salões uma tarde dançante para commemorar o dia consagrado á Resurreição de Christo.

AINDA agora sorrio, pensando que me disseste: "Eu tinha vontade de me apaixonar..."

Tens vontade! Como todas as crianças, — ha crianças grandes e pequenas, crianças que começam a abrir os olhos para a luz, e outras que os abrem para a vida — soffres a grande attracção do mysterio que apavora e do perigo ignorado!

Eu, que te ouvi falar, sorri e tive medo. Sorri vendo-te desejar uma coisa que vem sem que se deseje, que apparece quando não é esperada e quando não se quer que ella venha; e tive medo por essa tua alma despreoccupada e simples, que vive alheia á agitação das incertezas e que soffreria muito si amanhã se visse arrastada na torrente do amor.

O amor não vem quando se deseja, nem quando se precisa delle. Todos nós, na mocidade, desejámos amar; e todos nós sentimos ao menos uma vez, a falta de um amor. Ha momentos em que a vida se torna tão vazia, em que é tão grande e tão profunda a orphandade de nossa alma, em que falta tanto colorido a tudo que nos cerca, que nós sentimos necessidade de amar. Mesmo sem que tenhamos ainda experimentado o sentimento que une a humanidade através dos seculos, nós sentimos que o amor é capaz de encher uma vida, é capaz de aquecer illusões adormecidas, é capaz de envolver tudo em uma poeira de sonho e de encantamento!

Mas o amor não vem. Virá depois, de emboscada, subitamente, quando nem pensarmos nelle.

A SUAVE ILLUSÃO

Acontece assim com as tempestades, nesta nossa terra exuberante. Tres, quatro dias, semanas inteiras de um sol causticante, com a terra envolta em uma luminosidade que céga. Todas as creaturas, os vegetaes e o solo, as proprias rochas que parecem fumegar desejam ardentemente a chuva, mas a chuva não vem. E uma tarde, quando maior é a luminosidade do céu e do ar, eis que as nuvens se accumulam e que a tempestade cáe, medonha, desagregando rochedos, formando torrentes nas depressões do terreno, ceifando arvores.

O amor tambem vem assim, de subito, violentamente... As tragedias do sentimento encontram espelho fiel, as mais das vezes, nas tragedias da natureza, talvez porque umas e outras sejam gigantescas...

Eu tive medo, — por ti, por tua alma, por tua vida — quando te ouvi desejar uma paixão com que encher a tua mocidade. E' que eu sei o que tu não sabes: sei que o amor pode causar, em uma alma, em uma vida estragos maiores do que os que a tempestade produz na Creação. Uma arvore que cáe, um rio que extravasa do leito, um bocado de terra que corre formando avalanche nada são em confronto com a ansia interior, com a angustia, com o desejo, com a intranquillidade que o amor põe na alma da creatura.

Alem disso, a natureza se renova, os vegetaes se multiplicam em novos rebentos, a terra se aggrega novamente, os rios voltam ao leito primitivo; mas as illusões que morrem, crestadas por um amor incomprehendido ou insatisfeito, essas jamais voltam a renascer.

E quasi todos os amores são insatisfeitos, porque são humanos...

No sertão, quando chega o periodo da estiagem e a agua começa a escassear, o sertanejo pede a chuva. Mas depois, á proporção que os dias passam, castigados pelo sol, e que a canicula se prolonga, o homem vae ficando angustiado e tem medo de que chova. Elle sabe que, si a agua tombar do céo em torrentes, vae encharcar a terra, vae fazer com que apodreçam os pastos, as plantações e as sementeiras. Então, a abundancia de agua fará maior a miseria que era grande com a secca...

O amor faz assim, creança: como não pode dar felicidade por muito tempo, elle a traz toda de uma vez e ella é tanta, que esmaga uma alma, aniquila uma creatura! Depois, é o desencantamento, o despertar, porque nem todo amor é tão feliz que chegue a acabar a tempo de deixar uma saudade...

E tu queres uma paixão, um grande amor!

Mas eu, que sorri e tive medo quando ouvi o teu desejo; eu, que conheço da vida o que tu nem suspeitas; eu, que soffri pela ansia de ser feliz, peço a Deus que não tenhas nunca o teu grande amor. Assim, esperando por elle, enchendo com elle os teus sonhos de menina e de moça tu serás mais feliz do que si o possuires de verdade, porque não chegarás jamais ao desencantamento e não verás murchar as tuas illusões...

AS NOIVAS

Senhorita Lucia Wright, que se casou, em São Paulo, com o dr. Abilio Pereira de Almeida.

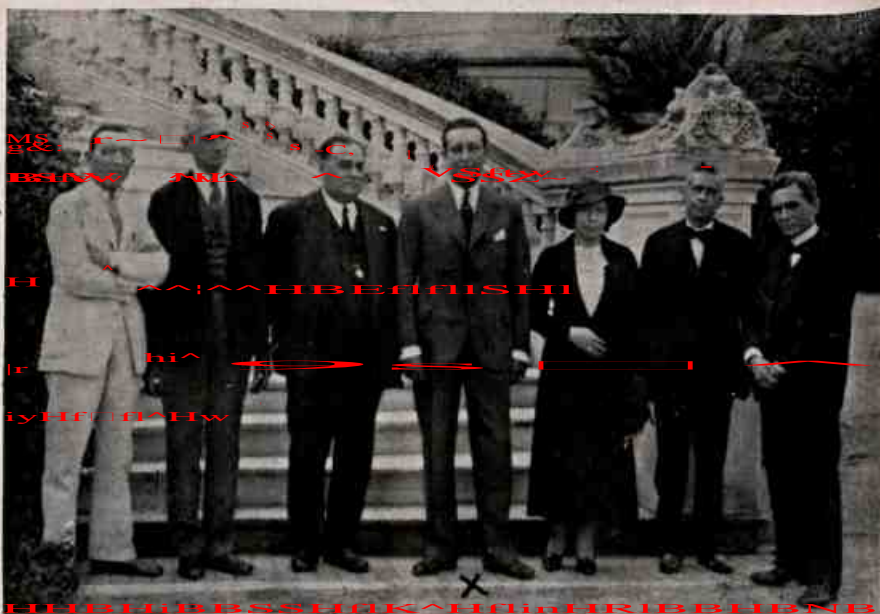
(Photo Cerri — S. Paulo).

Senhorita Lisah Alves Lima, cujo enlace com o sr. J. Homem de Mello, se realizou em São Paulo.

(Photo Cerri — S. Paulo).

Constituida pelos nossos distinctos confrades Alcino Bahia, Gonzaga Coelho, Mario do Amaral e Gilberto Veiga, sob a presidencia do dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, reuniu-se, na séde desta instituição jornalistica, a commissão julgadora do concurso de capas para a marcha de Assis Valente «Para onde irá o Brasil». Esse original certamen marcou ruidoso successo, tendo sido apresentados numerosos trabalhos. Foi classificada em 1.º logar a illustração assignada por Tupy. A gravura ao lado focaliza um aspecto da exposição dos trabalhos, vendo-se o presidente da A. B. I., dr. Herbert Moses, ladeado pelos demais membros da commissão julgadora.

O Centro Musical Luso-Brasileiro visitou, a semana passada, o sr. Martinho Nobre de Mello, embaixador de Portugal, nesta capital, afim de convidál-o para presidir a primeira conferencia que vae realizar no Gabinete Portuguez de Leitura. Na gravura ao lado vê-se o illustre diplomata ladeado pelos membros da commissão do Centro Musical Luso-Brasileiro, na séde da Embaixada de Portugal.

Festejando a passagem da data natalicia da gentil senhorita Esther, encantadora figurinha da sociedade carioca, e filha do distincto cavalheiro, sr. Ayman Rinder, do alto commercio desta praça, suas amiguinhas e admiradores offereceram-lhe um almoço no Atalaia Hotel, em Copacabana. Dessa linda festa, que decorreu num ambiente de alegria e de elegancia, estampamos o flagrante abaixo.

«Soirée blanche rose» foi a denominação que o Gymnastico Portuguez deu ao grande baile de sabbado da Alleluia, offerecido aos seus illustres associados. Os salões, que foram ornamentados com flôres naturaes, apresentavam um aspecto deslumbrante, tendo as danças decorrido num ambiente de grande animação.

O DESTINO DAS INVENÇÕES

A humanidade foi sempre rebelde ás innovações. Antes de acceitál-as combatea-as. E só depois de muito tempo reconhece a gloria de quem lhe deu um progresso novo.

Assim, se obrigou Galileu a negar o movimento da terra e se deixou Palissy morrer na miseria. Já nos mais remotos tempos se procedia de tal modo. As inquisições são velhas como o mundo. Os magistrados de Esparta condemnaram a lyra a quem o poeta Therpandro havia ajuntado mais um corda.

E' o destino das invenções encontrarem tropeços e injustiças. A Igreja outróra condemnou-as como artes do diabo...

«FON - FON» EM DAKAR

Pouca gente conhece a maneira utilizada pela Cie. Aeropostale para enviar o correio de avião da Europa ao Brasil. Aqui damos uma photo feita em Dakar no momento em que a correspondencia com destino ao Brasil era transportada para um dos «avisos» da companhia, que a levará a Natal.

DESENLACE

Você, sempre, se queixou de mim...

Mas... — que fazer? Amo o inédito; a volupia de sentir novas emoções ante uma nova fórma que meus olhos nunca viram.

Calcule, minha amiga, o supplicio que supportára si me unisse a você!

Eu queria que você — cada dia — se me apresentasse sob uma nova fórma, outra mulher, emfim! Era preciso que modelasse seu intimo; que você fosse mais artista e mais mulher...

Mas você por duas, tres vezes mesmo me pareceu a mesma.

Os poetas detestam a monotonia...

.. ..

— ...logo, de quem a culpa?

Vicio, defeito, não sei que, o que sei é que você nada me apresenta de original. A curiosidade de um artista moço é, sempre, faminta de emoções.

Aborreci-me.

Por isso não gosto mais de você...

PAULA CHAVES

OS AVIÕES DO CORREIO AEROPOSTALE

O avião semanal da Cia. Aeropostale chegará amanhã, sem atrazo, ao Rio, procedente de Natal e trazendo o correio da Europa, que será immediatamente distribuido. Conduz ainda varios passageiros para esta capital, Santos, Porto Alegre, Montevidéo, Buenos-Aires e Chile.

As malas postaes destinadas á Europa seguirão amanhã, domingo, sendo a correspondencia recebida só até ás 9 horas manhã. Hoje, sabbado, o serviço de recebimento de correspondencia será encerrado ás 22 horas.

No ultimo sabbado, os universitarios cariocas, que tanto se vêem empenhando pela maior intensificação da obra de confraternização academica, fizeram amistosa visita aos seus collegas representantes da Universidade de Minas Geraes, que se encontram nesta capital. Vê-se, na gravura, ao centro, o presidente da Associação Universitaria do Rio de Janeiro ladeado pelos seus collegas mineiros.

Crianças que tomaram parte no programma da «hora infantil» organizada, no studio da Radio Educadora, pelo compositor Gastão Lamounier e pelo tenor Sylvio Vieira, e na qual se apresentaram verdadeiras revelações artisticas.

* * *

PHILOSOPHIA DA VIDA

No socego e no recolhimento das grandes noites estrelladas, quando toda a natureza se envolve em ondulações silenciosas, é que melhor se escuta a voz de Deus.

PAULO FREITAS

* * *

ECOS DO CARNAVAL QUE PASSOU

Ao lado, ao alto, duas graciosas... «ordenanças» de Momo, em galante continencia ao rei da Folia: Ruth Andrade e Dirce Ramalho, de Penedo, Alagôas; em baixo, um grupo florido de lindas «hawaianas» do... Piauhy.

«FON-FON» NO CINEMA

A Venus Loura

(Blonde Venus)

Da PARAMOUNT

com Marlene Dietrich, Herbert Marshall, Cary Grant e Dickie Moore.

HELENA Faraday viveu feliz na sua pobreza com seu esposo Edward, e seu filho Johnny, até o dia em que uma molestia grave impoz a Edward uma viagem á Allemanha. Para poder reunir recursos com que elle faça a viagem Helena vae trabalhar num cabaret, em Harlem, um suburbio de Nova York. Ahi, vem Helena a conhecer Nick, um joven politico que se toma de amores por ella e lhe dá o dinheiro preciso para custear a viagem do esposo.

Ausente Edward, Helena e Nick começam a sentir prazer na companhia um do outro. Logo depois, ella fecha o seu pequeno aposento, e toma um apartamento na parte alta de Nova York, onde Nick tem a sua residencia. A intimidade accentua-se mais entre os dois de dia para dia, e Helena pouco tempo depois deixa de trabalhar, dedicando-se inteiramente ao seu bemfeitor.

Edward regressa inesperadamente, e apercebendo-se de tudo quanto se passou na sua ausencia, expulsa Helena de casa. Mas Helena, em meio da transformação que a sua vida levou, soube tomar bôa conta de Johny e ser uma bôa mãe.

Edward, desvairado pelo ciume, ameaça entretanto, tirar-lhe a criança, e Helena, revoltada no seu amôr de mãe colhe o menino em seus braços, e com os poucos haveres de que dispõe, foge com elle para que o marido não possa pôr em pratica a sua terrivel ameaça. Em Baltimore, em Philadelphia, em Nova York, onde quer que ella passa, a policia a persegue, sem um momento de compaixão nem de tregua. Desesperada, reduzida á pobreza extrema, não desiste de lutar pelo thesouro de que a querem privar, mas desce mais e mais baixo na escala social, de cada vez que a caça da policia a obriga a mudar de pouso.

Em Nova Orleans, por fim, dá-se por vencida, e resolve entregar o menino a Edward.

De volta a Nova York, procura uma reconciliação com o esposo. Mas Edward permanece inabalavel e não mais quer vêl-a senão para a embolsar do dinheiro com que ella concorreu para a sua viagem e tratamento na Allemanha.

Em extremo recurso, Helena segue para Paris, na companhia de Nick, e não tarda que se torne uma das grandes actrizes do mundo. Os emprezarios de Nova York, attrahidos pelo seu exito, offerecem-lhe contractos e ella volta, com o seu adorador.

Mas, na sua alma, o amôr materno fal-a mais alto do que tudo. Humilhada, submissa, vae uma vez mais á casa que foi sua. Marido e esposa se defrontam, ambos soffrendo a mesma agonia da saudade pela vida que passou e não poderá voltar...

Helena é porém mãe acima de tudo, e perdoada por Edward, ella sacrifica posição, gloria e fortuna, para voltar a ser a mãe de Johnny, e nada mais.

Embriagava-se para esquecer.

Ella amava aquelle marido ingrato.

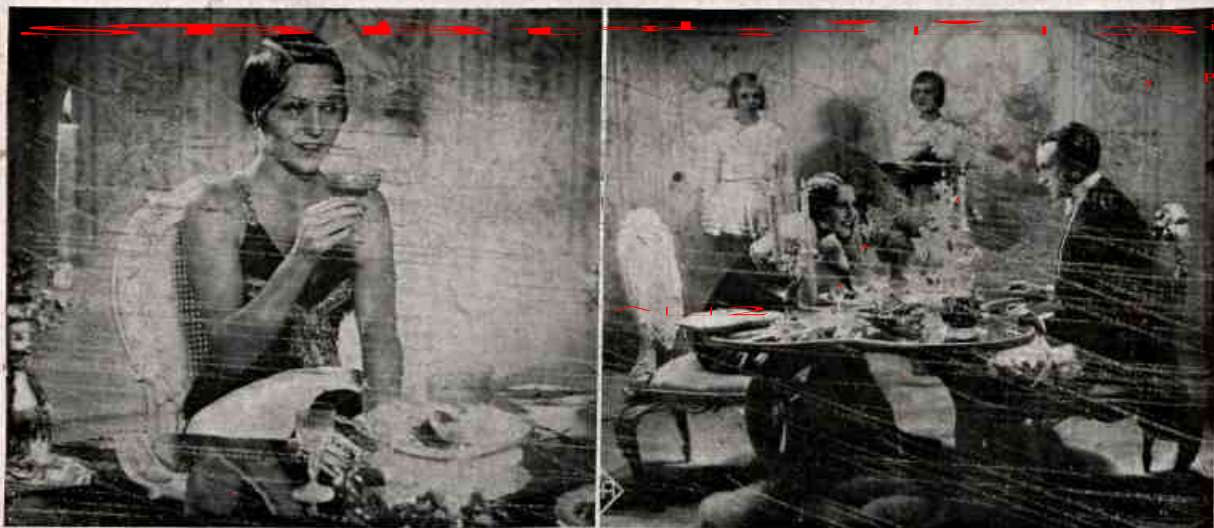
Amores ligeiros de «cabaret».

A' vossa saúde, amigo!

Doce «tête-á-tete».

RONNY

Producção da UFA

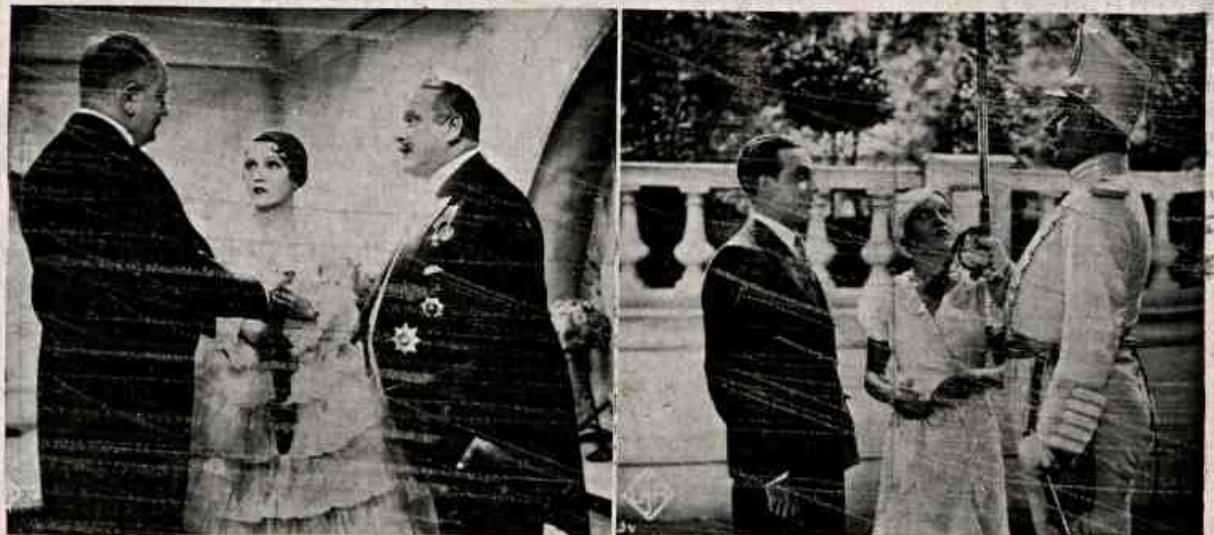
com Kathe Von Nagy e Willy Fritsch

QUEM é Ronny? Uma linda creaturinha, que além de linda é elegante e insinuante, e muito ambiciosa, mas que apesar disso tudo vae vivendo como desenhista de uma grande casa de modas de Paris — Marchand Fréres, cujo prestigio tem em muito contribuido para engrandecer, pelos modelos que são creados por ella. Quando a encontramos está muito occupada, pois que ha um trabalho de grande responsabilidade — a da confecção de trajes para a opereta de um príncipe! O príncipe do pequeno Estado de Perusia fez essa encommenda, e o Intendente do theatro daquella capital acaba de chegar e acaba de acceitar tudo, pelo que Mlle. Ronny tem de partir para Perusia, a fazer entrega da encommenda. Não vae só, porem, pois que Anton a acompanha.

Entretanto a côrte de Perusia espera com ansiedade a chegada do trem das cinco, que geralmente chega ás sete. Não é que a espera seja anciosa por causa dos trajes, mas esse trem deve trazer tambem uma "vedette" parisiense, contractada especialmente para o primeiro papel da opereta de sua alteza. A encommenda dessa artista obedecia a um plano do primeiro ministro. Elle queria para o seu joven soberano uma Pompadour... Sim, uma creatura que distrahisse o príncipe, emquanto o primeiro ministro iria fazendo o que bem entendesse. E, depois, o palacio estava tão vazio da graça feminina...

Lentamente o trem se aproxima e — oh milagre! — chega as cinco em ponto! E' que o machinista estava á espera de ser pae... Na estação, apenas Bomboni, que attende a todos os papeis, de chefe da estação, carregador, estafeta do telegrapho. Foi elle quem ajudou Ronny a descer, e Ronny tomou rumo da cidade, para em caminho encontrar um joven que faz questão de acompanhal-a, tão encantado ficou. E' o "principe, em pessôa, que a suppõe a artista que esperava e que deveria chegar naquelle trem.

E, por falar na "vedette", em vez della chegou para o Intendente um telegramma... Ella não viria. E o pobre homem não sabe como contar ao seu soberano a sua desdita, quando encontra sua alteza alegre e a felicital-o pela esplendida escolha que fizera! Não póde comprehender o que se passa, sinão quando se vê em frente de Ronny, que elle conhecia por sabel-a a chefe dos desenhistas da casa Marchand Fréres. Mas... Linda é ella, não ha que negar. Mas terá voz? Eil-o que procura aquelle anjo como cahido do céo. Expõe o que se passa e depois de uma pequena recusa e resistência de Ronny, obtem o gordo intendente a sua acquiescencia, a fazer o papel de artista. E isso não lhe será difficil, «pois que emquanto desenhava os trajes para a opereta, ella aprendêra a cantal-a. E o que podia ella fazer deu logo demonstrações no primeiro ensaio, levado a effeito nos apartamentos do príncipe, no palacio. E os ministros, que estão a par dos planos do seu presidente do Conselho, gozam immensamente o espectaculo, a olhar cada um por sua vez, pelo buraco da fechadura... Ficam com a certeza de que o castello de Montbijou passará a ter, dahi por deante, uma nova habitante que servirá mais a elles do que ao príncipe.

Chega o dia da primeira representação, que se tornou um verdadeiro triumpho para o príncipe, seu autor, e muito mais, para a estrella, por quem o príncipe logo se confessou apaixonado. Mas, si consentira fazer-se artista, Ronny ainda nada sabia

(Conclúe na pag. 51)

Os ministros estavam contentes com a alliada.

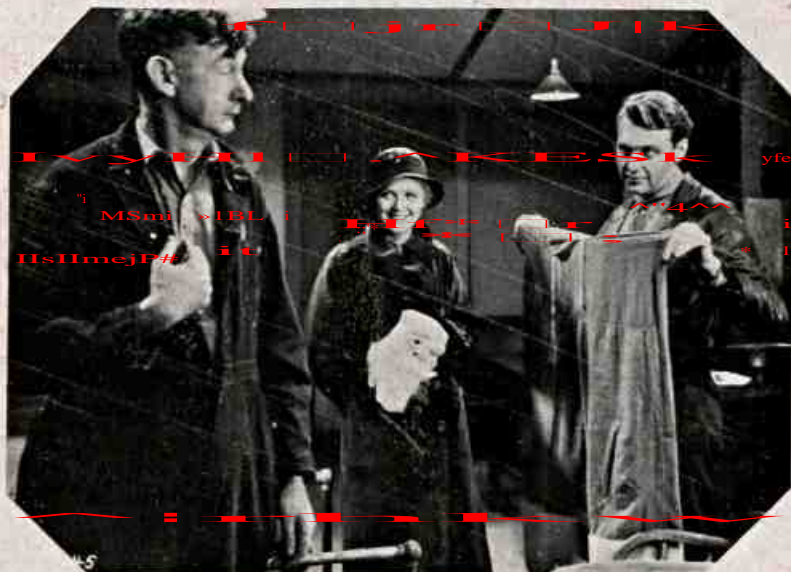
Que espada!

AZAS HEROICAS
(Air Mail)
Da UNIVERSAL
com PAT O'BRIEN e RALPH BELLAMY

Para mim?... Não me serve.

No Aeroporto do Deserto, pequeno campo de pouso e reabastecimento dos aviões do Serviço Postal Aereo do Governo, um grupo de homens devassava ansiosamente o céo, á espera de um piloto que devia chegar. A noite era terrivel. A cerração, fechada, tornava a aterrissagem uma coisa impossivel e fazia brotar obstáculos sem conta.

O radio assignalava a approximação do apparelho que alli devia ser trocado por outro que levaria as malas postaes até a costa do Pacifico, onde Mike Miller, o commandante da estação, devia ir sujeitar-se ao exame de saúde periodico.

E o avião chegou. Os pharóes adiantavam. O piloto mal divisava o campo e foi chocar-se violentamente de encontro a um dos postes de signalisação. Foi então que aconteceu o horrivel: com a explosão do motor, incendiou-se o apparelho em cuja nacelle o piloto ficou preso, clamando desesperado, até que a morte o arrebatou de uma vez.

Mas a catastrophe não podia mudar o curso dos acontecimentos. Mike Miller, baldeando as malas salvas para outro avião, decollou do mesmo modo, como se nada tivesse acontecido, e varou a cerração, rumo da costa do Oeste, transpondo as montanhas. Já agora, elle precisava, não só fazer o exame de saúde, mas tambem requisitar outro piloto que substituisse o morto.

Olhos que falavam.

A viagem ao Pacifico foi má para Mike. Os medicos condemnaram-lhe a saúde, dando-o quasi como incapaz para o serviço e prohibindo-lhe pilotar apparelhos de passageiros e, como se isso não bastasse, ainda a administração lhe deu, para com elle trabalhar na vaga deixada pelo piloto morto, um velho desaffecto, Duke Talbot, um homem competente e audacioso, é verdade, mas rixento e provocador.

Desde que Talbot chegou ao Aeroporto do Deserto, começaram para Mike Miller os aborrecimentos. Bem depressa nasceu, entre o recem-chegado e Irene Wilkins, mulher de um dos pilotos da estação, um romance de amor que Mike condemnava forte-

(Conclue na pag. 51)

Adeus!

Apavorava aquelle tragico destino.

Que temporal!

Pernas de Perfil

(SPEAK EASILY)

Da METRO-GOLDWYN-MAYER, com a seguinte distribuição:

Professor Post...... BUSTER KEATON
James............ JIMMY DURANTE
Pansy Peets...... RUTH SELWYN
Eleanor........ THELMA TODD
Mrs. Peets...... HEDDA HOPPER

ELMER POST, o sorumbatico professor de Mythologia Grega e Archeologia, era a pontualidade em pessôa. Todos os seus alumnos para regular os seus relogios bastavam observar a entrada do professor no edificio da escola, e depois na sala de aula. Estava o professor Post installado assim pacatamente em sua vida, quando lhe chega uma carta de um advogado, dando-lhe uma grande noticia, que entretanto, não o alvoroçou muito: morrêra um seu tio e elle era o único herdeiro da fortuna de um milhão de dollares. O professor, que não se enthusiasmára muito com a noticia, decide continuar como professor, mas os seus collegas o demovem desse proposito e elle resolve, então, viajar, ir para New-York, conhecer mundo, conhecer outra vida. E vae. Deixa, com muitas saudades, a cidade do seu velho collegio, e embarca num trem repleto de passageiros barulhentos e pittorescos. No trem, na fórma do costume, dão-se varios imprevistos engraçados, onde o professor Post, com a sua calma de sempre, se vê como único protagonista, e por isso em meio da viagem elle fizéra duas cousas: achára Miss Pansy Peets a moça mais bonita do mundo e travára conhecimento com James, um sujeito abelhudo cujo nariz enorme se mettia em toda parte. Resultado: Miss Pansy Peets consegue interessar Post pelas peças da Broadway, porque ella é artista, e o mesmo faz James, que tem idéas de ser emprezario. Em consequencia disso o professor Post decide juntar-se á «troupe», ao menos como espectador... por causa de Pansy Peets. A «troupe» pára numa cidadezinha, onde o fracasso é completo. A companhia é pobre, os artistas não são lá grande cousa — e o resultado não se faz esperar: o publico não applaude, o desanimo toma conta dos artistas e de James, que não obstante o seu espalhafato, verifica que as cousas vão de mal a peór... James, esperto, pensa: Elmer Post tem muito dinheiro e poderia financiar a companhia, e desse modo elles poderiam trabalhar na Broadway. Elmer Post acceita a idéa, porque está enfeitiçado por Pansy Peets, não obstante a seductora Eleonor tentar conquistál-o, e vão todos para New-York. Post arrenda um theatro de 3.000 logares. Ensaia-se a peça «Pernas de Perfil». No dia da estréa os poucos espectadores que estam na platéa haviam sido arranjados a gancho... Mas aconteceu uma cousa que trouxe sórte: Elmer Post viu-se perseguido por varios «gangsters», e por acaso venceu a todos elles.

Isso deu-lhe renome, deu-lhe publicidade — e no dia seguinte o theatro estava repleto. Bem á hora de começar o espectaculo, entretanto, chegam ao theatro vários advogados que haviam verificado que a herança dada a Post não lhe pertencia, que tudo fôra uma confusão de nomes e de endereço. James, sempre esperto, vê que a situação se complica, comprehende que os advogados podem impedir a realização do espectaculo, e como ultimo recurso atira Elmer Post para a scena. Vendo-se no palco, o timido e sorumbatico Elmer Post entra a fazer desatinos, mas o facto é que esses desatinos fazem successo — e o publico ri a mais não poder. Seus «numeros» são bisados, trizados, um êxito louco! A peça vencêra, o publico sahiu do theatro enthusiasmado. Mas os advogados querem a restituição do dinheiro. A solução era repetir a peça tal como na vespera, para fazer carreira, mas Elmer Post não se lembra mais das bobagens que fizéra. Mas, apparece Pansy Peets, que tomára nóta de tudo e lhe relembra os «números». Por isso, o êxito de Post volta a repetir-se, a peça faz carreira, e apparecem emprezarios que dão um mundo de dinheiro pela peça e seus interpretes, contractando Post e seus companheiros. E foi assim que o sorumbatico professor se fez artista da Broadway e se viu livre de calças pardas em que se não se sentia bem... E houve o seu casamento com Pansy, etc., etc., como manda a technica das historias engraçadas e felizes.

Um empresario atrapalhado.

A «estrella» ia cahir...

SÓ

Amo a vida. Rodeado de mim mesmo,
Quanta felicidade experimento!
Tão longe a terra está dos olhos meus...
Tão perto da minh'alma o firmamento...

Ha no explendor deste recolhimento
Dentro de um mundo que perlustro a êsmo,
Beijos, musicas, flôres, gineceus,
Sóes e luares que me dão alento...

Nem por isso maldigo a minha sina,
— A bôa sorte de viver sózinho —
Longe de tudo, tendo tudo perto...

A vida tanta coisa assim me ensina,
Que, si, um dia, chegar a ser velhinho,
Lendo estes versos, sorrirei por certo...

ALCIDES C. MAIA

A UNICA EXPLICAÇÃO. — A senhora, (ao mendigo a quem o cão acaba de morder). — Você deve têl-o irritado com alguma cousa!

O mendigo. — Só se foi porque lhe offereci um pedacinho do pastel que a senhora me deu...

Escriptores e livros

Custodio de Viveiros — SI AMAS, DECIDE POR TI — Civilização Brasileira, S. A. — Rio — 5$

ESTE romance não fóge ao molde de que se serviu o escriptor para os dois anteriormente publicados. Como quer o autor, "este livro não é um trabalho de imaginação; é um livro verdadeiro. Suas paginas revelam segredos que já provocaram lagrimas amargas, sorrisos de amôr, suspiros de saudade! Suas personagens vivem e por ahi andam, soffrendo as alegrias e as dores oriundas de seus actos. A imaginação é, apenas, o papel de seda roseo com que embrulhei os episodios..."

E' possivel que assim seja. Os episodios não espantam pelo que têm de verdadeiro. E' a vida... Comprehendemos perfeitamente a existencia de Heloisa, de José, de Antonio e Pierre, movendo-se no mesmo plano. Distinguem-se apenas pela caracteristica do temperamento singularmente differente um do outro.

Mas o autor, quando fez funccionar a sua imaginação, afastou-se um tanto da realidade, emprestando attitudes inverosimeis de linguagem a Heloisa, como a José. Quer nos parecer que Heloisa, raciocinando e escrevendo cartas, é uma figura irreal; assim tambem José, um sentimental rude, que por vezes falta evidentemente ajudado pela imaginação do autor.

No mais, tudo certo. Custodio de Viveiros, neste romance, apresenta-se mais senhor da technica, escrevendo com correcção e elegancia.

Discorre com relativa facilidade, armando os episodios com a arte precisa para prender a attenção do leitor. Não temos duvida em reconhecer e proclamar a excellencia do seu trabalho. Mas, por vezes, carrega na *piada*, desfigurando um pouco a belleza das suas paginas.

Espirito culto, viajado, Custodio de Viveiros tem recursos para não se banalizar, engrossando a legião dos mediocres. Bem podia adoptar o *humour* sadio dos francezes, ou dos inglezes, esquecendo o que de peor herdámos de outros povos.

Feitos estes pequenos reparos, aliás como testemunho da amizade que nos liga ao autor, festejamos o apparecimento de *Si amas, decide por ti!*, um dos mais interessantes livros ultimamente incluidos na série dos romances brasileiros.

Jacomo Stávale — 2.º ANNO DE MATHEMATICA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 10$

O trabalho foi organizado de accôrdo com o programma do 2.º anno do curso secundario. O autor é professor da materia, sendo um nome festejado entre os seus collegas. A edição attende a todos os requisitos escolares.

Sertorio de Castro — POLITICA ÉS MULHER! — Dist. Liv. Francisco Alves — Rio — 1933

JORNALISTA, chronista parlamentar de aguda intelligencia, o autor deste livro é um profundo conhecedor dos bastidores da politica nacional. Adversario intransigente do regime inaugurado em outubro de 1930, Sertorio de Castro não perde vasa para causticar com a sua linguagem violenta, os factos e os homens.

Este é o segundo volume do genero, que publica no espaço de poucos mezes, evocando episodios para estudal-os com enthusiasmo, de accôrdo com o seu feitio pessoal, pois o autor é um dos espiritos mais combativos do nosso jornalismo.

O titulo da obra é suggestivo.

Como no Brasil ninguem gosta de politica nem de mulher, a edição será esgottada por isso mesmo...

C. J. Dunlop — LEGISLAÇÃO BRASILEIRA DO TRABALHO — Emp. Almanak Laemmert, edit.ª — Rio — 20$

NÃO póde haver duas opiniões acerca da utilidade de uma obra do genero da *Legislação Brasileira do Trabalho*.

Põe ella á mão do operario, do patrão, do advogado, emfim de qualquer interessado, toda a legislação de caracter social-trabalhista do paiz.

Legislação brasileira do trabalho não passa de uma compilação de tudo quanto se tem sanccionado no paiz em materia de assistencia social e regulamentação do trabalho.

Como collectanea, não ha obra que lhe exceda em methodo e cuidadosa transcripção dos textos legaes vigentes.

Além do mais, é uma obra de vulgarização, no meio trabalhista brasileiro, da extensão e limite dos direitos e deveres reciprocos entre patrões e operarios.

Não se trata de um livro didactico nem de um trabalho juridico, mas de uma compilação, de facil manuseio, de consulta rapida, isenta de dispositivos superfluos ou já revogados, com as alterações e modificações incorporadas no proprio texto da lei, com annotações e esclarecimentos, emfim, tudo disposto a reunir em moldes essencialmente praticos toda a legislação esparsa sobre assistencia social e regulamentação do trabalho no nosso paiz.

A HYGIENIZAÇÃO DE PARIS

A rua de Veneza, em Paris, vae desapparecer. Isso porque assim o exige a boa hygiene da Cidade Luz. A ruasinha estreita do bairro IV foi condemnada pela picareta demolidora e sanitaria.

A rua de Veneza é, mesmo, a mais estreita da capital franceza. Mostravam-na aos estrangeiros como o prototypo dos logares pobres e malsãos, onde se accumulavam, em espantosa desordem, os parisienses de outras épocas.

E muitos parisienses de hoje talvez lamentem o seu desapparecimento. Essas viellas estreitas, essas casas desalinhadas, são os testemunhos de um passado que guarda muitas recordações. A esse respeito, escreveu conhecido escriptor francez: "Amamos Paris até nos seus tugurios... mas, antes de tudo, a saude publica"... Antes de tudo... Tem razão. Antes de tudo, ar, luz. Não é admissivel que em pleno seculo XX Paris possua viellas como a de Veneza. Que pena, o nome! Nome que evoca a maravilhosa cidade dos enamorados...

Os hygienistas, os urbanistas agora criticam amargamente os antepassados pela estreiteza das ruas que abriam e pelo pouco ou nenhum cuidado pelas condições de salubridade das suas habitações.

De facto, quando vemos essas ruasinhas apertadas, onde, como dizia Verlaine, a proposito da de Veneza, se póde, abrindo os braços, apoiar-se nas duas paredes, facilmente se comprehende a justa indignação dos urbanistas e hygienistas modernos. Mas, para ser justo, é necessario saber como foram creados esses bairros baixos.

A rua que vae desapparecer já existia no seculo XIV. A rua de Veneza, que tomou, posteriormente seu nome, taboleta de um café ahi existente, era a rua "Berthaut que dort". As casas que a marginavam eram todas pequenas e baixas. Paris, naquelles tempos, não tinha carruagens. Carlos IX foi o primeiro rei de França a usar uma carruagem. Emquanto só essas casas ahi existiam, não careciam de mais ar nem mais luz que o que tinham. Vieram, porém, os seculos, sobretudo os seculos XVII e XVIII, e, com elles, foi subindo o valor dos terrenos. Assim, tambem as casas começaram a subir de um para dois, tres, quatro andares... D'ahi a estreiteza, a apertura, a accumulação, o amontoado insalubre, o mal gosto no meio da cidade mais orgulhosa do mundo...

A dona da casa. — Houve uma explosão de gaz na cozinha, senhor Gumercindo, e, por isso, o jantar vae ser retardado um pouco; nesse meio tempo, vou telephonar para a Cia. de Gaz, para a Assistencia e para o Corpo de Bombeiros...

Notas de Arte

Gilda de Abreu, a applaudida artista patricia, figura principal da Companhia Brasileira de Theatro Musicado, que, com grande successo, se exhibe actualmente no Recreio.

EXHIBIÇÕES DE MUSICA RELIGIOSA. — Em commemoração do millesimo noningentesimo anniversario, ou 19.° centenario, da morte de Jesus de Nazareth, que o genio altruista e abnegado de Paulo de Tarso converteu- em fundador divino do Catholicismo, de que é elle proprio, elle, o Apostolo das Gentes, o verdadeiro fundador, o fundador humano — foram executados, pelo Orpheão de professores do Districto Federal e pela Orchestra Villa-Lobos, sob a regencia do maestro brasileiro Heitor Villa Lobos, a Missa Solenne de Beethoven e a «Missa do Papa Marcello de Palestrina. Realizou-se a primeira execução no Theatro Municipal, em a noite de mercuridia, 4.ª-f., 12 de Abril, e a segunda, na Igreja da Candelaria, na manhã de jovedia, 5.ª-f., 13 de abril.

Recordemos preliminarmente que a Missa é a idealização da evolução cultual da Humanidade. Toda ella encorpora as praticas esboçadas nos cultos anteriores ao culto catholico. E o que caracteriza essencialmente a grande cerimonia — a Eucharistia — filia-se directamente á Ceia paschoal do monotheismo judaico e ao banquete funebre, instituido pelo Fetichismo e mantido pelo Polytheismo.

De sorte que si, para os compositores catholicos, constitue a Missa um assumpto puramente theologico, em que se celebra o culto do Redemptor, para os que o não são, é apenas um motivo para cantar a Humanidade, através das illuminuras divinas. Para estes Jesus, o Redemptor, o Deus-Homem é figura antecipada da Humanidade, da deusa final, que o Catholicismo tambem esboça livre de todo laço theologico, na sua ultima phase, quando colloca no altar Maria, a Virgem-Mãe, chamada por S. Bernardo — a humanidade pura.

Ouvindo as duas celebres Missas, tem-se a impressão da diversidade da inspiração apesar da identidade dos assumptos.

Tanto Palestrina como Beethoven musicaram Missas, mas o artista da Renascença, embora não fosse nem pudesse ser mais um catholico fervoroso e praticante, como seria si existisse no seculo de S. Bernardo e mesmo no de S. Francisco de Assis, o era num grão incomparavelmente superior em relação a Beethoven, artista da Revolução, que apenas professava um vago deismo, e esse mais nominal que real. Talvez mesmo se não erre proclamando Beethoven inteiramente emancipado do theologismo, si é verdadeiro o episodio que lhe figura na biographia. Conta-se que ao terminar a partitura para piano extrahida da opera Leonora, Czerny escreveu ao lado — Finis, mit Gottes Hulfe (Terminada com o auxilio de Deus) — e Beethoven accrescentou adeante em caracteres salientes — Mensch, hilf dir selbst (Homem, ajuda-te a ti mesmo)...

A Missa de Palestrina é mais divina, mais theologica, e a de Beethoven, mais positiva, mais humana. Embora a grande obra do reformador da musica ecclesiastica, do «principe da musica», como lhe chamaram na sua epoca, já represente um ensaio de humanização da arte dos sons num poema religioso, não se lhe nota o mesmo sopro de humanidade que anima a obra do mestre de Bonn. Na Missa de Palestrina se celebra mais a natureza divina e na de Beethoven a natureza humana do Homem-Deus. E' que entre ellas ha tres seculos de decomposição do regimen theologico e de composição do regimen scientifico, tres seculos em que o espirito humano foi se afastando cada vez mais de Deus e do Ceu e se aproximando da Humanidade e da Terra.

Mas não é só. A Missa de Beethoven é apenas um episodio, embora grandioso episodio, na carreira musical do maior dos musicos, toda consagrada ao que se chama a musica profana; ao passo que a Missa de Palestrina é um élo de uma só cadeia, toda ou quasi toda formada de musica sacra, de musica religiosa, de musica theologica.

A musica de Beethoven é uma série de poemas essencialmente humanos, onde se canta, se celebra a vida, tudo o que é terreno, em operas e concertos, sonatas e symphonias, e acaba no poema maximo, a Missa Solenne, que a todos resume, porque idealiza a evolução humana, através da lithurgia catholica. «Toda a inspiração da Missa em ré, diz com razão Jean Chantavoine, se acha contida nas quatro palavras — Mensch, hilf dir selbst: — a fé que exprime

essa Missa é antes de tudo a confiança na vontade e na bondade humana.»

A Missa de Palestrina, como toda a sua musica, dil-o muito bem um historiador da arte dos sons, «é pura de tudo que é profano... nada tem que desperte um pensamento mundano... é a verdadeira musica de igreja, como ninguem jamais compoz.»

A differença de valor social das duas Missas ficou bem patente nas duas ultimas audições, não só pelo caracter musical das composições, como tambem pela natureza dos logares em que foram exhibidas: a Missa mais humana de Beethoven, no Theatro — o templo da Revolução, e a Missa mais divina de Palestrina, na Igreja — o theatro da Religião.

E justo é accrescentar que pela simples impressão auditiva, sem nenhum estudo technico das duas obras, não só como valor social mas tambem como valor artistico a Missa de Beethoven supera a de Palestrina. Sente-se bem a desigualdade dos genios que as escreveram e a differença das épocas em que foram escriptas.

Si muito agradou a execução da obra de Palestrina, causou grande, magnifica impressão a da obra de Beethoven.

Pareceu-nos incrivel o maestro Villa-Lobos, com dois mezes de ensaios, tenha conseguido obter o resultado que obteve. Os 300 cantores e os 100 instrumentistas satisfizeram plenamente os mais exigentes ouvidos. A não ser o Credo, que nos pareceu ás vezes manifestar certo desequilibrio — o que aliás póde ser devido a defeito da nossa audição deante do estylo fugato do trecho — tudo mais achamos primoroso. Não percebemos nenhum deslise, salvo o que se não póde de todo evitar em semelhantes execuções.

O publico sentiu commosso. O Municipal, que estava repleto, applaudiu sem reservas. O maestro Villa-Lobos, a orchestra, coristas e solistas, todos receberam as mais vivas e enthusiasticas ovações. Foi uma grande, inesquecivel noite de triumpho para o famoso compositor patricio e para todos que com elle cooperaram no grandioso espectaculo de arte.

Para não deixar de assignalar entre os primores o maior primor, destacamos o Sanctus, que tanto nos impressionou que não pudemos reprimir um espontaneo e enthusiastico bravo.

Embora do programma não constasse a relação nominal dos 400 executantes, conseguimos obter os nomes de alguns solistas que aqui registramos como homenagem ao decisivo concurso que prestaram ao bello exito da festa musical.

Sopranos: Alice Polonia, Aracy Ferreira, Aracy Guimarães, Dagmar Chapost Prevot, Eulalia Tavares, Esther Ferreira, Gilda Prazeres, Jucyra A. Lima, Maria Figueiró Bezerra, Mercedes Malagutti, Maria Elisa Ferreira, Odila Bacellar, Odila Lima, Ruth Stamile, Sylveria Castro.

Contraltos: Aida Moraes, Chiquita Vasconcellos, Constança Teixeira, Francisca Freitas, Guiomar Frederico, Hilda Borges, Icarilde Cardoso, Josephina Carneiro da Cunha, Lucia Moraes, Maria Augusta Joppert, Marietta Ferreira, Maria Olympia Reis, Marietta Neumann.

Tenores: J. Martinez, Marçal Romero, Sylvio Salema.

Baixos: Caldas Barbosa, Ignacio Guimarães, J. Duarte, Manoel Candeal, Manoel Carneiro, Marco Aurelio.

Apollo Correia, o apreciado «Tamborim» da peça «Canção Brasileira», que, com grande successo, vem sendo representada no palco do Recreio pela Companhia Brasileira de Theatro Musicado.

M. Pinto, o incansavel e intelligente emprezario da Companhia Brasileira de Theatro Musicado, a cujos esforços e espirito de iniciativa se deve a creação do conjuncto artistico que ora trabalha no Recreio.

Entre os instrumentistas, que todos merecem especiaes louvores, assignalamos Oscar Borgerth, que tanto sobresahiu no solo de violino.

Na execução da obra de Palestrina os maximos applausos cabem ao Orpheão dos Professores, que interpretou com grande mestria a Missa do Papa Marcello, só não obtendo palmas e bravos porque nas igrejas não se permittem semelhantes manifestações.

Com todas as restricções que se possam fazer ao valor social e artistico do maestro Villa Lobos, a verdade é que merece todos os applausos a sua obra de propagandista e executor do canto orpheonico e de grande animador do movimento musical brasileiro.

A execução das Missas de Beethoven e de Palestrina foram uma grande e victoriosa prova do valor real da obra do maestro brasileiro.

OSCAR D'ALVA

A CARTA RASGADA

«COMO tú me enganaste!... Vejo, com pesar, que, afinal, és igual aos outros... No fundo, todos os homens são iguaes: — ciumentos e egoistas...

"Sobretudo, egoistas; mas, de um egoismo que não se comprehende nem se justifica. Afinal, foi o teu egoismo quem nos separou; foi só elle quem fez com que, friamente, eu te pudesse dizer, aqui, o que, confesso, não teria, nunca, coragem para te dizer verbalmente...

E' doloroso que isso aconteça, precisamente no momento em que, eu, já disposta a renunciar a todos os meus sonhos, á minha familia aos preconceitos e até á propria vida, ia me entregar a ti, cegamente confiante, religiosamente crente de que, a minha felicidade estava em tuas mãos!...

O teu egoismo!...

"Maldito egoismo, que faz de um homem de sociedade, de um homem fino, de um intellectual, um sélvagem!...

Não fôra esse teu egoismo doentio, tú serias o ideal dos homens!

"No emtanto, assim, chegas a me inspirar compaixão.

E' que, nesse estado de allucinação de que ficas possuido, tú esqueces deveres os mais comesinhos de sociabilidade, chegando a insultar os que não teem culpa da tua anormalidade.

"O teu ciume é outro mal incuravel, que te faz antipathico e irritante.

Depois, é um crime sem motivo justificado, sem a menor causa, é um ciume perverso...

"A cada instante, tú repetias que depositavas em mim uma confiança illimitada, absoluta. Isso acontecia nos teus momentos de calma, de reflexão. Não obstante a tua affirmativa categorica, innumeras vezes, logo após essa declaração, tú davas expansão ao teu louco ciume, e chegaste mesmo a insultar-me em certas occasiões. Ciumes, de que, afinal? Das minhas amigas, que considero; dos meus vestidos e das minhas futilidades de *mulher bonita e cortejada* (phrase tua); da minha *coquetterie*; do meu sorriso permanente, sorriso que embriaga (segundo a tua opinião); dos meus olhos que te prenderam e dominaram? De que, afinal? De tudo e de nada!... Com os teus amigos, eu era obrigada, ultimamente, a pedir-lhes que não me dispensassem mais do que o simples cumprimento de cortezia, por causa do teu ciume... Até com o meu afilhadinho, aquelle innocente e louro garoto de cinco annos apenas tú deste para reclamar, porque me beijava

"Ter ciumes de uma creança de cinco anos, positivamente, meu amigo, não é de um homem medianamente equilibrado.

"Todos esses factos eu venho citando para mostrar-te que o ciume em ti era latente, e impossivel, quasi, de se evitarem as suas desagradaveis consequencias. Emfim, tudo isso passaria mesmo sem um reparo da minha parte, e, não seria nunca causa para a resolução extrema e irretorquivel que tomei, si não fosse a tua attitude descortez e insultuosa, hontem, ao regressarmos do baile na embaixada chilena.

"Fomos a esse baile por insistencia tua e a convite do teu amigo dr. Balmaceda, que tú tens na conta de um perfeito cavalheiro, um *gentleman*, — a nata dos secretarios de embaixada — como sempre affirmaste. Pois bem; foi com esse *gentleman* que tú achaste um pretexto para, mais uma vez, dares expansão ao teu criminoso ciume.

"Apresentas-te-m'o, elogiando-me e recommendando-me como a mais

De Orlantino Loredo

completa dançadora de tangos, dizer que eu era a dama que por certo attrahiria a attenção geral, logo que me vissem dançar. O teu amigo, que, innegavelmente, dança o tango admiravelmente, logo que se certificou de que eu dançava o tango com maestria, fez chegando mesmo ao exaggero de questão de bailar commigo varias vezes, mas, só pelo prazer justificavel da dançarina, e não pelo interesse na mulher....

"Outras muitas lá havia mais interessantes que eu, e, por certo, mais facilmente poderiam despertar-lhe a attenção...

"Tú, ou melhor: — o teu ciume e o teu egoismo viram, no gesto do joven diplomata, aquillo que absolutamente não existia.

"Intempestivamente, nos retiramos do baile, e aproveitaste então o momento para me insultar, accusando-me de uma falta que absolutamente não commetti. Como louco, disseste-me que havia muito desconfiavas do meu namoro com o dr. Balmaceda, e como eu, offendida na minha dignidade e no meu amôr proprio, repellisse o insulto, alteando um pouco mais a voz, tú, segurando-me pelos braços, levaste-me de encontro ao fundo do automovel, gritando:

"— Infame! Infame!..

"Tal scena, que eu me abstenho de qualificar ,despertou a attenção do *chauffeur*, que, virando-se, ainda poude me ver sob o teu jugo, tendo elle apenas dito:

"— Não faça isso, doutor!...

"Comprehendes que o teu gesto foi demasiadamente insultuoso e eu não posso, não quero, nem devo mais alimentar a esperança de que te corrijas, dominando-te, como se domina um homem medianamente equilibrado...

"Não, meu amigo; não é possivel por mais tempo submetter-me a essa tortura a que me sentenciaste impediosamente. Eu, mesmo assim, ainda te quero muito, e não posso consentir que te transformes num criminoso vulgar, por minha causa. Quero fazer-te um ultimo pedido: — procura esquecer-me. Varre da tua memoria a minha lembrança, que ella só te póde fazer mal.... Intelligente e culto como és, não te será difficil fazeres o que te peço: — esquecer-me. Esquece-me! Escreve muito. Produz; produz sempre, e, com certeza, o farás.... Não me queiras mal pela resolução que me obrigaste a tomar.

Esquece a tua infeliz—*Wanda.*"

* * *

Decio leu e releu varias vezes a carta-sentença, passeando desordenadamente ao longo do seu gabinete de trabalho, de um lado para o outro, e fumando sem cessar repetidos cigarros.

Por fim, soltando uma gargalhada hysterica, disse: "eu não me conformo com essa loucura!"

Acto continuo, rasgou a carta, transformando-a em innumeros fragmentos pequenos, collocando-os a seguir dentro de um enveloppe, que fechou.

Desordenadamente, sem chapéo, sahiu em direcção á casa de Wanda, onde entrou sem previo aviso e dirigiu-se ao seu aposento.

Em um divan forrado de damasco azul, reclinada, ella tinha a sua attenção presa á leitura de um livro, quando Decio, atirando-lhe sobre os pés o enveloppe onde se encontravam os fragmentos da carta, disse:

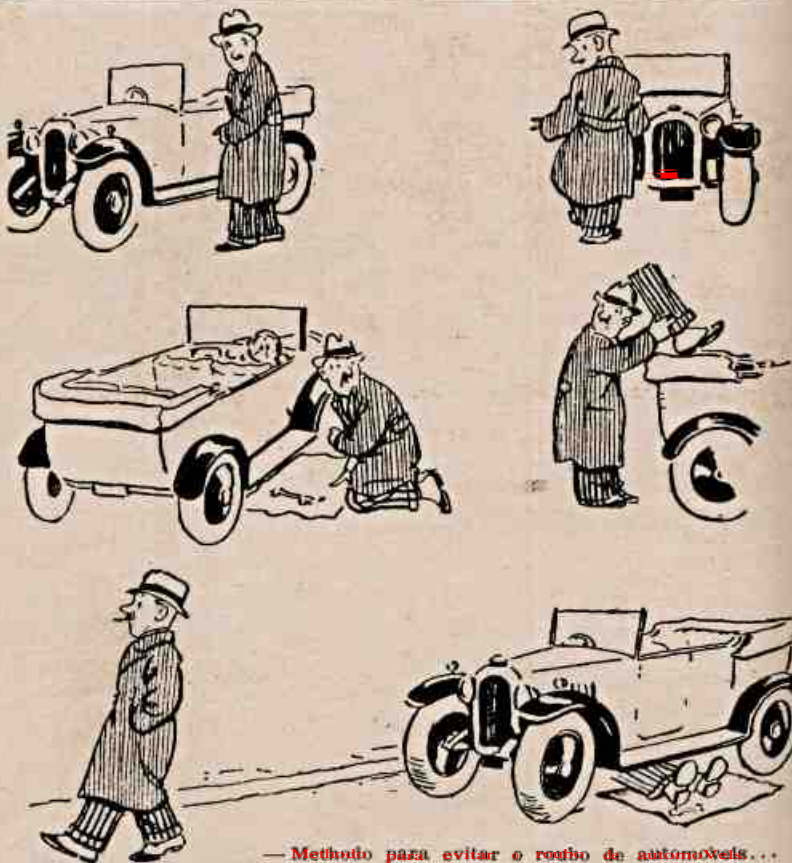
— Eu não guardo a tua carta, por ser insultuosa.... Vê o fim que lhe dei....

PETROLINA MINANCORA

Uma util innovação no Rio

Foi inaugurado o Departamento Scholl da «Casa Abrunhosa»

A exemplo do que se faz nos Estados Unidos e nos mais adeantados paizes europeus, em que as casas de calçado de primeira ordem mantêm um gabinete de serviço para conforto dos pés, departamento esse confiado sempre á experiencia de um Practipedico de responsabilidade, a Cia. Dr. Scholl S. A. acaba de inaugurar uma secção daquelle genero na "Casa Abrunhosa", o conhecido e elegante estabelecimento de calçados desta capital. O departamento Scholl da "Casa Abrunhosa", o primeiro existente entre nós e que está agora franqueado ao publico, destina-se a alliviar pelos methodos do Dr. Wm. M. Scholl os incommodos causados pelas deformações, desvios e excrescencias dos pés, que tão perniciosa influencia exercem sobre a plastica e sobre a saúde em geral.

Esse departamento está entregue á competencia de um Practipedico experimentado e acha-se perfeitamente apparelhado para a applicação dos supportes scientificos daquelle eminente medico americano. O mundo elegante carioca tem affluido ao gabinete Scholl da "Casa Abrunhosa", afim de recorrer aos seus serviços, demonstrando assim que aquelle departamento representava uma imperiosa necessidade na nossa adeantada capital.

— Methodo para evitar o roubo de automoveis...

AZAS HEROICAS

(Conclusão)

mente por saber que ambos os amantes eram loucos e irreflectidos. Aquella approximação criminosa poderia acabar em tragédia, porque Wilkins, o piloto enganado, era homem de attitudes violentas e francas...

Com a chegada do Natal, justamente quando o serviço de encommendas postaes se fazia maior, as estações de metereologia annunciaram a approximação de uma grande tempestade de neve. Os vôos, mormente os vôos nocturnos, tornavam-se perigosos, difficeis, e o serviço era feito cautelosamente, esperando-se a cada momento uma tragédia.

O que era temido aconteceu: Dizzi Wilkins, de volta de um vôo, cahiu nas montanhas, morrendo. Duke Talbot e Irene, mal tiveram noticias da catastrophe, trataram de arrumar as malas para irem gozar, em Nova York, a felicidade do amor que alimentavam clandestinamente. A mala aerea devia seguir e, não havendo um piloto para o apparelho, Mike Miller foi, elle mesmo, pilotar o avião, de vez que Talbot abandonava o serviço.

Mas os médicos não erraram ao dizer a Mike que elle estava incapaz para pilotar. A vista faltou-lhe na hora mais grave e também elle cahiu, nas montanhas, quebrando uma perna. Os vôos de reconhecimento feitos para que se encontrasse o aviador desapparecido positivaram um resultado: que era impossivel aterrissar no desfiladeiro onde Mike cahira, como era impossivel a elle chegar senão depois de muitos dias de penosa caminhada e, assim sendo, falto de viveres e castigado pelo frio, o infeliz piloto não teria mais do que um ou dois dias de vida.

Em Nova York, pelo radio e pelos jornaes, Duke Talbot, já então em companhia de Irene Wilkins, la tendo conhecimento da tragédia que envolvia a vida do seu ex-commandante e para a qual elle em parte contribuira negando-se a realizar o vôo que lhe pertencia. E como Duke era, acima de tudo, um homem bom, começava a soffrer.

Afinal não se conteve: "Eu sou capaz de aterrissar num nickel, e vou salvar Mike!" — disse elle. E num avião roubado, lá se foi, audaciosamente, em busca do companheiro victimado.

Aterrissou realmente. Foz Mike na nacelle e levou a audacia ao extremo de levantar vôo na pequena faixa de terreno que não tinha cincoenta metros. Em pouco ganhava altura, salvando o amigo, mas ficava impossibilitado de pousar em terra, porque arrebentára o trem de aterrissagem no momento em que decollava.

Mike poderia salvar-se, porque estava munido de para-quedas, mas Duke parecia condemnado á morte irremediavel, pois que seria forçado a descer de qualquer modo, quando estivesse acabada a pequena provisão de essencia do apparelho.

E Talbot sorria, satisfeito, contente comsigo mesmo, feliz porque pudera salvar a vida de um amigo...

O *botanico* — Você conhece esta flôr?

O *jardineiro* — Sim, senhor.

O *botanico* — A que familia pertence?

O *jardineiro* — A' dos Gonçalves.

RONNY

(Conclusão)

do papel de Pompadour que lhe queriam dar, e foi ao saber do que se passava que ella se insurgiu. Era uma moça honesta! E Ronny, indignada ante a proposta, resolve-se voltar a Paris. Voltará para o seu obscuro logar na casa Marchand Frères, mas continuará a ser uma moça honesta. Ella chega á estação e com surpreza de Bomboni, retoma o seu logar no trem que parte.

E o principe? Elle veio a saber o que se passára, e com alegria soube que Ronny repellira a proposta feita pelo primeiro ministro. E' que elle estava realmente apaixonado, e por isso corre á estação. O trem, já partiu.... Mas o principe tem bôas pernas, e o trem de Perusa, daquelles de bitola de um pouco mais de um palmo, tem marcha muito relativa.... E por isso foi que pouco depois nós assistimos á volta de Ronny, alegre, apoiada nos braços do "Prince Charmant".

O BOM HUMOR DEPENDE DE UMA BÔA DIGESTÃO

Quando se está de máu humor, quando se vê tudo negro, é mais que provavel que a causa disso é uma má digestão. Um prato mal assimilado é bastante para desorganisar o bom funccionamento do apparelho digestivo, e transtornar o bem estar. Como a maioria das perturbações digestivas são causadas ou acompanhadas por um excesso de acidez, torna-se de importancia primordial nestes casos manter o succo gastrico ao grão normal d'acidez pelo emprego de um sal alcalino como seja a Magnesia Bisurada. Meia colher de café de Magnesia Bisurada diluida em um pouco d'agua depois das refeições ou logo que se sinta a dôr, faz neutralizar o excesso de acidez e restabelece as funcções digestivas. A Magnesia Bisurada é inoffensiva e facil de tomar, allivia azedumes, flatulencia, pezadumes e as indigestões em geral. A venda em todas as pharmacias.

A VOZ DA SABEDORIA

De Frederic Boutet

QUANDO Noel Bodin, caminhando para a margem esquerda, atravessou a ponte das Artes, o crepusculo descia sobre o Sena.

Bodin, empolgado pelo encanto da hora, nessa decoração de pedra e agua, de arvores e sombras, deteve-se um instante. Depois proseguiu a marcha, olhando o Instituto, onde, outr'ora, havia sonhado candidamente... Andava lentamente. Nessa tarde, elle se sentia, como nunca, pobre, gasto e sem esperança. Após annos de enthusiasmo, de lutas de vãos esforços continuados, pensára: "Sou um desconhecido". Mais adeante, passados os quarenta annos, em um dia de lucidez, deve ter confessado a si proprio: "Sou um fracassado".

Mais tarde não se podia resignar a essa verdade, cada vez mais cruel para seu orgulho pessoal e pelos resultados praticos que ella encerrava: uma agua-furtada numa rua sombria, as más refeições nas casas de pasto, as necessidades angustiantes e mal conseguidas... E a solidão... Sem amor, sem amizade, porque uma incuravel delicadeza o afastava sempre de relações com pessôas de baixa condição, de camaradagens de cafés...

Bodin mergulhou na escura rua de Mazarino e penetrou em sua casa, para abandonar sua pasta pesada, de fichas e cadernos com que havia passado a manhã dando lições e a tarde tomando notas na Bibliotheca Nacional.

Penetrando no aposento, que um bico de gaz alumiava debilmente, escutou a voz sem harmonia da encarregada:

— Ahi está o senhor Bodin.

A' entrada do quarto, Bodin viu um joven desconhecido, que vestia com correcção.

— O senhor Noel Bodin? — perguntou o moço, avançando.

— Sou eu, senhor.

— Meu querido mestre, permitta-me que me apresente: Gastão Ballestrot, o filho de Melchor Ballestrot, seu antigo companheiro do collegio de Virande-sur-Loire... Papae encarregou-me de transmittir-lhe suas melhores lembranças. Foi tão feliz ao encontrál-o em Paris, ha quatro annos!...

— E' verdade. Sua visita alegrou-me...

O senhor Bodin mentia um pouco. Apenas experimentára leve contentamento com a visita de Melchor Ballestrot. Não sentira a menor alegria ao ver entrar em sua mansarda o collega de outros tempos, que dirigia, actualmente, na provincia, a succursal de um banco, e que não lhe demonstrára, depois das primeiras phrases, uma sincera cordealidade.

— Meu querido mestre — proseguiu o joven, — permitta-me dizer-lhe que sinto um immenso prazer ao estreitar-lhe a mão... Admiro-o tanto!... Suas obras estão nas bibliothecas da cidade e eu li os bellos poemas e as admiraveis novellas que o senhor publicou no *O Imparcial de Virande*"...

Bodin olhava esse moço interlocutor que o chamava de querido mestre, que o admirava, que falava de suas obras... Sim, com effeito... Em certa época o senhor Bodin havia publicado dois volumes de versos. Tambem enviára ao jornal, de sua cidade natal, diversas producções literarias que haviam sido publicadas, mas não pagas, e que nunca o seriam.

Apesar de tudo, em sua alma flagellada pela miseria e pela covardia, os elogios do joven, sua admiração davam-lhe uma alegria deliciosa.

— Meu joven amigo — disse a Gastão, — não podemos falar mais tempo aqui... Venha jantar commigo... Senhora Puys, deixarei minha pasta em seu aposento. Depois a apanharei.

— Pois não! — respondeu a mulher, com uma consideração que não era habitual nella.

O senhor Bodin introduziu o joven na casa de pasto onde tinha crédito. Sentaram-se em frente um do outro, e Bodin pediu o melhor jantar possivel, o que era pedir muito.

— Então meu joven amigo?

— Eu desejava vêl-o, conhecêl-o. Desde que comprehendi o que é a literatura, a poesia, o admiro.

— Sou, então, conhecido um pouco no interior? — perguntou, com um gesto de altivez, o senhor Bodin, interrompendo a mastigação de um pedaço de carne.

— Oh, meu querido mestre, sim!... E sinto a necessidade de dizer-lhe que, lendo suas paginas, sonhei tambem em ser escriptor... Por isso, queria conhecêl-o... Sim eu quero fazer literatura... Estou certo de... Creio ter talento...

— Isso não basta, meu joven amigo... Si você...

Bodin interrompeu-se: tinha o direito de desilludir um formoso enthusiasmo?

— Papae se oppõe — proseguiu o moço. — Elle tem uma bôa posição, mas não tem fortuna, e eu possúo tres irmãs pequenas... Enviou-me, por isso, a Paris, afim de que eu comece meus negocios... Mas eu amo as letras. Tivemos violentas discussões nesse sentido. Papae não comprehende.

"Com effeito, pareceu-me um refinado burguez, quando veiu visitar-me..." — pensou o senhor Bodin, um tanto alegre mercê do vinho que bebêra contra seu costume.

— O senhor deve levar uma vida tão bella... E' livre... sonha... é admirado... glorioso...

— Meu joven amigo — tornou Bodin, com energia — a arte é um tyranno duro, a quem é preciso servir sem outra esperança de recompensa além da intima satisfação. E' necessario sacrificar-lhe todas as alegrias banaes, todos os prazeres vãos... Para poder fazer arte tenho que realizar trabalhos despreziveis... Mas, que importa? Luta-se!...

Continuaram conversando. O joven proclamava seus enthusiasmos, e Bodin refutava-o, promettendo-lhe auxilio. Depois Bodin, um tanto alterado por um copo de máo cognac, convidou Gastão a ir até sua casa, afim de ler-lhe algumas de suas obras inéditas.

Depois de ter percorrido um corredor tenebroso e pouco cheiroso, tiveram que descer alguns degráos. Gastão encontrou-se em uma peça mal mobiliada, com a cama por fazer, as paredes sujas. Uma grande desordem em tudo. A lampada que o senhor Bodin acabava de accender illuminava humildes objectos depositados sobre a mesa. Fazia frio. Cheiro de humidade e de petróleo.

Bodin leu. O joven, mettido num sobretudo escutava, não escutava, olhava, sonhava. O máo vinho e o ambiente da peça gravitavam sobre seu estomago.

A's onze da noite Bodin cessou de ler e Gastão pediu licença para retirar-se.

— Até a vista, meu joven amigo! Coragem! Você escolheu a carreira mais bella. Volte. Aconselhal-o-ei, guial-o-ei...

Gastão chegou ao aposento alto que occupava no hotel e o sentimento que o dominava era tão intenso, que, sentando-se á mesa, escreveu a seu pae: "Meu querido papae: folgo em dizer-te que estou de accordo com teus planos. Vou trabalhar seriamente na universidade e nos negocios. Tens mil vezes razão: quando eu consolidar minha situação, si ainda gostar de escrever, escreverei... Estive com o senhor Bodin, jantei com elle, visitei sua casa... Pobre homem! Si soubesses! Que vida horrivel!... Agora julgo comprehender por que me encarregaste de visital-o em teu nome".

Ao mesmo tempo, o senhor Bodin, mettido em sua cama, repetia: "Eu não tinha o direito de destruir tão bello enthusiasmo... Esse joven traz o fogo sagrado, e isso é muito raro hoje em dia, muito bello... Quer minha orientação, meu conselho, e estes nunca lhe faltarão."

Soprou sua lampada, para dormir, consciente de ser elle mesmo o conselho vivo e efficaz que o hábil Melchor Ballestrot havia collocado sob os olhos do filho, afim de poder encaminhar este para o que sua alma considerava a voz da sabedoria...

UM DRAMA EM MONTE-CARLO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

CAPITULO I

TRES TELEGRAMMAS

Sr. Sherlock Holmes — Londres

Peço que parta immediatamente. Espero-o amanhã á noite. Hotel Paris Monte-Carlo. Se não chegar serei victima d'um assassino. Salve o seu amigo.

Frederic Woodville

Sherlock Holmes, de pé, defronte de um espelho, barbeava o seu magro rosto quando lhe entregaram este telegramma.

Pediu a Harry que o abrisse e lesse.

— Ah! exclamou o policia, cortei-me! Lembra-te, Harry, que nunca devemos tomar conhecimento do conteúdo de uma carta ou de um telegramma emquanto fazemos a barba. Dá-me agua e pedra hume. Bem, já não deita sangue. E agora Harry, emquanto acabo de me vestir, consulta o guia e diz-me o modo porque poderemos chegar mais cedo a Monte-Carlo.

Harry dirigiu-se ao aposento contiguo d'onde voltou com um volumoso guia e um mappa, que estendeu sobre a mesa.

Poz-se a procurar attentamente, mas sem successo.

Harry, se queres tornar-te um perfeito policia, exclamou Sherlock Holmes fazendo o laço da gravata ao espelho, é necessario antes de tudo que sejas um bom geographo. Um homem que desejasse, sem o conhecer, livrar o mundo de todos os assassinos e outros miseraveis, faz-se o effeito de um cego a quem se abandonasse, só, numa praça publica. O melhor que temos a fazer é tomar o primeiro vapor que atravesse o estreito. Que horas são?

Harry consultou o relogio.

— Sete horas e treze minutos.

— Muito bem, podemos apanhar facilmente o combolo das oito e dez na estação da Victoria. Chegaremos ás nove e cinco a New-haven, onde poderemos seguir no paquete para Dieppe.

Emquanto falava, Sherlock Holmes enfiava as mangas do jaquetão e substituia as chinellas bordadas por botas.

— Esse paquete que atravessa o estreito em oito horas quando está bom tempo, desembarcar-nos-á ás seis horas em França. E agora, Harry, consulta um pouco a linha de Dieppe a Paris. Senhora Bonnet, o meu almoço, peço-lhe, e depressa, se faz favor!

Estas ultimas palavras, pronunciara-as Sherlock Holmes junto á porta entreaberta. Alguns momentos depois, a senhora Bonnet, a velha governante, entrava com o almoço pedido.

— Dieppe a Paris, disse Harry, comboio rapido á uma hora da tarde.

— Não o apanharemos. E em seguida?

— Partida de Dieppe ás 6 horas e 37 minutos. Chegada á Paris ás 9 e 56.

— Bravo! disse Sherlock Holmes. Podes agora comer. O resto, está na minha cabeça. Em Paris, teremos uma hora para jantar e dirigir-nos á estação de Lyon. A's onze horas parte o comboio de luxo, que faz, durante a estação, serviço entre Paris e Monte-Carlo. Esse comboio passa por Lyon, Avignon, Marselha, Toulon, Cannes, Nice e chega, não havendo atrazo, o que de resto é muito raro ás nove horas á estação de Monte-Carlo. A's nove e dez minutos estaremos no Hotel de Paris. Ahi encontraremos lord Frederic Woodville ou o seu cadaver!

Este dialogo terminou quasi ao mesmo tempo que a refeição. Harry vendo o seu senhor e mestre comer á pressa, fez outro tanto e levantou-se da mesa ao mesmo tempo que elle.

— O que levamos comnosco? perguntou elle.

— A nossa mala não está sempre preparada? respondeu Sherlock Holmes, e não contem tudo de que carecemos para cumprir a nossa missão? Vae chamar um carro, Harry, emquanto a senhora Bonnet põe alguma roupa numa mala de mão e a caminho.

Passados dez minutos Sherlock Holmes apertava a mão da governante dizendo-lhe:

— Bôa saude, senhora Bonnet. Feche bem, como sempre, a porta do meu quarto. Ninguem tem o direito de lá entrar. Estarei naturalmente de volta daqui a oito dias. Envie-me portanto toda a minha correspondencia, durante os cinco primeiros dias

para Conte-Carlo, posta restante, com o nome de Thomaz Smith. Até á volta, senhora, Bonnet.

Desceu rapidamente a escada. Na rua encontrou o carro cuja portinhola Harry abria.

— Senhor Sherlock Holmes, um telegramma para si!

Na sua frente surgira-lhe um rapaz que lhe entregava um telegramma que tirara do seu sacco de couro vermelho.

Antes de subir para o carro Sherlock Holmes abriu-o e leu:

Perigo imminente. Se não está 9 horas hotel Paris, Monaco, catastrophe inevitavel.

Seu amigo

Sherlock Holmes dobrou o telegramma, metteu-o na algibeira interior do sobretudo e saltou para o carro. O cavallo partiu a galope; — o policia recommendára ao cocheiro que estivesse ás 8 horas, o mais tardar, em frente da estação de Victoria.

Eram oito horas menos cinco quando chegaram, de sorte que poderam installar-se tranquillamente no comboio de Newhaven.

Chegaram áquelle porto sem novidade; pouco depois tomavam logar no paquete. Depois de terem as bagagens no camarote, Sherlock Holmes estendeu-se numa cadeira de balanço na coberta, emquanto Harry tomava um assento mais modesto.

Brilhava um bello sol de inverno, como se vê raramente nas costas de Inglaterra. O azul infinito de um lindo céo sem nuvens reflectia-se no mar.

Nesse dia, 17 de fevereiro, a influencia de passageiros não era consideravel. Este paquete, que constitue o meio de communicação mais rapido e mais agradavel entre as costas inglezas e as francezas, enche-se completamente de viajantes na primavera, no verão e até mesmo no outomno.

A maior parte dos viajantes preferia conservar-se na sala de jantar. Sherlock Holmes accendeu o cachimbo, e trocava com Harry algumas phrases sem importancia.

— Permitte-me que lhe dirija uma pergunta, senhor Sherlock Holmes, disse o joven Harry, passada uma hora de travessia? O que significa aquelle telegramma que recebeu emquanto fazia a barba, telegramma que completou certamente aquelle que lhe entregaram no momento em que subia para o carro?

— Não só te permitto a pergunta, como estimo que m'a fizesses, meu rapaz, retorquiu Sherlock Holmes enchendo de novo o cachimbo, porque te quero bem informado sobre este assumpto. Vou pois empregar o tempo da travessia pondo-te ao facto do que deves saber. Mas, antes de dar [illegible] ás minhas explicações, desejo fazer-te uma observação. Recebi um telegramma de Monte-Carlo, e resolvi immediatamente partir. Não me consideraste um pouco imprevidente? Não podia ser isto um meio de me affastar de Londres?

— Pensou, tornou Harry, que o senhor Holmes não teria certamente partido, se o telegramma não contivesse alguma coisa que lhe mostrasse peremptoriamnete que o seu conteúdo era exacto.

— Bravo, meu rapaz, acertaste. Lembra-te que o telegramma dizia: "Salve o seu amigo Frederic Woodwile". Pois bem, Harry, a palavra "amigo" devia figurar em todos os telegrammas que me fossem dirigidos por Woodwille. Se não contivessem essa palavra, não me teria incommodado, e por coisa alguma deste mundo sahiria de minha casa.

— E sabia, que lord Woodville se achava em Monte-Carlo? perguntou Harry.

— Sabia. Dera-me parte, antes da viagem, do seu desejo de se demorar ahi quatro semanas, talvez mais. Até lh'o aconselhei.

— Lord Woodville tinha, nesse caso, razões para se ausentar de Londres?

— Tinha.

— Algum caso com a policia?

— Não: sendo assim não o teria certamente aconselhado a que lhe escapasse. Não! Lord Woodville tem um inimigo encarniçado, que ha dois annos lhe deseja a morte. Já quatro vezes tentou assassinal-o. Ha dois annos, lord Frederic ia fazer a travessia de Bombaim a Southampton. No momento em que o navio levantava ferro, entregaram uma caixa grande, pedindo para a collocar no camarote do joven lord. Era, disseram, a ultima surpreza de um dos seus amigos.

— Lord Frederic residiu muito tempo nas Indias?

— Viajou por lá, para conhecer a fundo esse paiz de maravilhas, replicou Sherlock Holmes. Deves saber que lord Frederic é muito rico. Nesse tempo, era ainda o baronete Frederic Woodville, quando o pae morreu repentinamente. Herdou o titulo de lord e uma fortuna fabulosa. A morte do pae obrigou-o a deixar immediatamente as Indias. Apenas recebeu a noticia, embarcou no "Colombia" com destino á Inglaterra.

— Comprehendo, interrompeu Harry. A caixa continha um explosivo. O inimigo mortal do lord espe-

(Cont. na pag. seguinte)

rava que a machina infernal explodisse quando elle abrisse a caixa, a reduzisse migalhas o joven fidalgo.

— Nas Indias, ha muito melhor do que machinas infernaes, que, de resto, são muito difficeis de fazer e raras vezes funccionam bem, tornou Sherlock Holmes. Quando lord Frederic tratou de abrir a caixa, ouviu, no interior um ruido singular. Talvez soubesse já que lhe desejavam a morte... em resumo, foi bastante prudente e chamou o capitão e o medico.

"Mostrou-lhes a caixa suspeita, e pôl-os attentos ao facto de que parecia haver alguma coisa viva no interior. O capitão fez-lhe prudentemente um buraco e olhou. Mandou immediatamente remover a caixa para a casa da machina e deu ordem para a suspender durante vinte e quatro horas num dos tubos de communicação da caldeira.

"Nesses tubos, por onde passa incessantemente a agua fervendo, não pode subsistir nada com vida. No fim de vinte e quatro horas, a caixa foi levada para a coberta. Como se não ouvisse nada de anormal no interior, abriram-n'o.

"Encontraram dentro tres cobras tres dessas terriveis serpentes venenosas da India, cuja mordedura é sempre mortal. As serpentes estavam mortas, já se vê, e foram lançadas ao mar.

Holmes fez uma pausa, installou-se confortavelmente na cadeira e tornou:

— Depois desta aventura, sir Frederic deveria ser mais vigilante. Mas estava intimamente persuadido de que o perigo só o ameaçava no territorio indiano, e não na Inglaterra. Circulou sem receio por Londres, e, devido a uma imperdoavel negligencia, deixou de me narrar o attentado de que fôra victima a bordo do "Colombia". Quatro mezes depois do seu regresso, atiraram-lhe duas balas, quando atravessava Regent-Street na sua carruagem.

"Uma dellas feriu gravemente o cocheiro; a outra quebrou dois vidros do coupé; o lord, encostado nas almofadas, não foi attingido. Infelizmente não se poude deitar a mão ao criminoso.

"Havia, nesse momento, grande affluencia em Regent-Street, e depois do attentado, aproveitando a desordem e a confusão, o autor do crime, um carroceiro, esquivou-se e perdeu-se entre a multidão.

"Oito dias depois, sir Frederic encontrou num empadão, preparado pelo seu cosinheiro, uma agulha evidentemente destinada a furar-lhe o estomago.

"O cosinheiro foi preso. Esse homem provou que tinha preparado o empadão com o maximo cuidado. Era claro que a agulha tinha sido introduzida na massa, ou que um individuo, que entrára na cosinha para vender peixe a enterrara ahi.

"Pela minha parte, attribuo o delicto ao vendedor de peixe, desconhecido. O cosinheiro foi posto em liberdade; Lord Frederic, desgostoso de Londres, dirigiu-se para Paris em busca de distracções.

"No Havre, tomou o rapido. Achava-se só num compartimento de primeira classe. Numa das estações, um homem bem vestido, de grande barba negra subiu, comprimentou-o delicadamente e sentou-se defronte delle. De subito, quando o comboio se poz em marcha, o homem atirou-se ao lord e tentou mergulhar-lhe o punhal no peito.

"Mas a ponta do punhal encontrou os metaes dos suspensorios. O joven inglez, dotado de uma força pouco vulgar, conservou o sangue frio necessario para agarrar o pulso do seu aggressor e torceu-lh'o com tal violencia que o punhal cahiu no chão.

"No mesmo momento lord Frederic tocou a campainha de alarme. Antes que o comboio parasse, o homem de barba negra tinha aberto a portinhola e lançara-se sobre os carris.

"Encontrou-se a pista do miseravel. Mas embrenhou-se por uma floresta proxima, e não obstante os esforços da policia da localidade, não poderam encontral-o.

"Passados alguns mezes, lord Frederic regressava de Paris. Apenas chegou a Woodville House manifestou-se ahi um incendio medonho. Saltou da cama, quiz fugir: mas a porta estava fechada á chave e na janella viu uma grade que na vespera ainda ali não existia.

— Como explica esse facto, sr. Holmes? perguntou Harry.

— Da maneira mais simples. Durante o somno do

joven lord fixaram a grade á janella pela parte exterior. Como esta dava para um jardim, os trabalhadores nocturnos poderam operar com toda a segurança. Ha grades que são aparafusadas nas paredes sem necessitar de trabalho algum de carpintaria.

— E como escapou o lord a esse perigo?

— Por felicidade os bombeiros chegaram depressa. O creado de quarto andava por todos os lados gritando que o seu patrão estava no meio das chammas. Alguns homens de coragem ouviram este appello, atravessaram as chammas com os apparelhos precisos deitaram a porta abaixo, e encontraram lord Frederic desmaiado, semi morto.

"Conseguiram salval-o.

"Era o quinto attentado de que era victima em menos de dois annos...

"Conheci sir Frederic muito novo, continuou Sherlock Holmes depois de uma pequena pausa.

"Tive occasião de prestar serviços a seu pae. O velho lord era muito meu amigo e fui muitas vezes seu hospede.

"Quando li a noticia desse incendio e soube o perigo de que escapara lord Frederic, acudiram-me á memoria as outras circumstancias extraordinarias em que a vida do mancebo correra perigo.

Desde então, considerei como um dever abrir-lhe os olhos: cedo ou tarde iria lançar-se nas ciladas que lhe armavam. Na minha opinião, esse mancebo tinha um inimigo mortal.

"Dirigi-me ao Hotel Royal, onde o lord tinha um quarto, emquanto se reparavam em Woodville os estragos produzidos pelo fogo.

"Recebeu-me, alegremente surprehendido.

"Estava bello, cheio de força e de saude; — imagina um homem de trinta annos sem cuidados de especie alguma.

— Ah! é o senhor Holmes, disse elle apertando-me a mão. E' para mim um grande prazer, creia-me bem, a sua visita.

— Venho, de algum modo, fazer um negocio comtigo, respondi eu. Desejo avisal-o.

— Ah! sim, acompanhou os acontecimentos em que me encontro desagradavelmente envolvido ha dezoito mezes. E' verdade, sr. Holmes, querem matar-me — mas não me parece que deva preoccupar-me com essa gente.

— Como, pois sabe, lord Frederic e não se acautela! Não toma nenhuma precaução para garantir a sua vida?

— Sei que por mais que faça não me poderei livrar de um attentado, retorquiu elle com a voz alterada; notei por um momento nos seus bellos olhos azues uma expressão de dôr. Que quer, meu amigo, escapei cinco vezes á morte. Conseguil-o-ei ainda uma sexta e uma setima vez. Mas fatalmente a mão do assassino ha de attingir-me mais cedo ou mais tarde!...

— Penso que um homem na sua posição não deve deixar-se assassinar assim.

— Contra aquelles que me querem mal não ha recurso algum.

— Mas nesse caso fuja do mundo durante algum tempo, viva não importa onde, sob um nome falso, e não revele a pessoa nenhuma nem o seu nome nem a sua residencia.

— Ainda mesmo que fugisse para junto dos Esquimaus, onde geralmente não ha necessidade de estado civil, encontrar-me-iam ainda.

— Mas quem são?

O lord conservou-se calado. Inclinou a cabeça sobre o peito e ficou um minuto mudo immovel.

Notei claramente que se travava uma luta no seu intimo; iria desvendar-me o segredo que occultava no fundo do coração?

— Mylord, disse-lhe com insistencia, seu pae era meu amigo. Desejo emprehender tudo quanto possa em seu favor. Mas não me obrigue a combater com inimigos invisiveis. Se apenas tem suspeitas diga-me quaes são, e dê-me ao menos os signaes do homem que o persegue com um odio mortal.

(*Cont. na pag. seguinte*)

Lord Frederic ergueu a cabeça e fitou-me com o olhar firme e tranquillo.

Comprehendi então que por elle nada saberia.

— Não sei coisa alguma, sr. Holmes, respondeu-me sir Frederic. Não conheço esse homem. Não tenho a minima presumpção sobre a sua personalidade.

Depois desta affirmativa, qualquer outra pergunta se tornava impossivel:

— Quer comtudo acceitar uma proposta da minha parte?

— De todo o coração, sr. Holmes.

— Pois bem, não se conserve em Londres. Parta immediatamente para uma viagem. E' a época da estação na Riviera. Vá a Nice, Cannes, Monte-Carlo, onde quizer; mas não fique em Londres. Não dê parte a ninguem do seu projecto. Demore-se em Monte-Carlo; jogará talvez um pouco. Inscreva-se com um nome falso, é o essencial. Entretanto occupar-me-ei do seu caso.

— Realizarei por completo o seu desejo, sr. Holmes: não vejo mesmo que argumento possa invocar contra a sua proposta. Aborreço-me infinitamente nesta occasião em Londres, e alem disso, está aqui uma pessoa que me pediu justamente que a levasse á Riviera. Vê-me portanto — e o lord sorriu — muito disposto a satisfazer os seus desejos.

— Uma pessoa? perguntei.

— Sim, uma pessoa que me é muito querida; e dizendo isto o seu rosto illuminou-se. Conhece miss Nancy Elliot?

— A formosa actriz do Theatro Royal? Conheço.

— E'... minha companheira. Somos muito dedicados um ao outro. Nancy deseja fazer uma viagem commigo, e vamos para Monte-Carlo.

Franzi os sobr'olhos.

— Tem a certeza, disse-lhe em voz baixa, que miss Nancy Elliot não tem nada que ver com os seus inimigos!

O joven fidalgo riu ás gargalhadas.

— Perdôe-me, sr. Holmes, disse apertando-me a mão. E' um homem muito habil o policia mais celebre do mundo inteiro. Mas tem o mesmo defeito que a maior parte dos seus collegas; na pessoa mais innocente, julga encontrar um malfeitor. Se Nancy podesse dar a sua vida pela minha fal-o-ia de todo o coração. Asseguro-lhe que me ama com toda a sua alma e que lhe retribuo de todo o meu coração.

— Não obstante, peço-lhe que lhe não diga o fim da sua viagem sinão quando estiverem a caminho. Promette-me isto, mylord?

O lord pegou-me na mão e disse:

— Prometto-lhe, senhor Holmes.

— Prometta-me ainda que ao minimo perigo que o ameace, me prevenirá immediatamente.

— Está combinado, porque não se trata apenas de mim. Devo confessar-lhe que nunca a vida me pareceu mais risonha do que depois que tenha a ventura de possuir esta deliciosa creatura de coração de ouro. Não deixarei portanto de o chamar em meu auxilio ao menor perigo que me ameaçar.

— Neste caso, um telegramma, não lhe parece? E para que eu tenha a certeza que o telegramma é seu, tenha o cuidado de ahi collocar a palavra "amigo".

— Não esquecerei: a palavra "amigo" num telegramma. Mas espero bem não ter necessidade de o incommodar.

— Está entendido, repliquei. E quando parte?

— Amanhã.

Apertou-me ainda uma vez a mão e agradeceu a minha solicitude.

Retirei-me.

— Sem ter podido saber quem era o inimigo mortal do lord? perguntou Harry Taxon.

— Sem o saber.

— E no intervallo, não descobriu coisa nenhuma?

— Uns pequenos factos de pouca importancia, é certo. Mas ainda não tenho uma opinião formada a esse respeito, e far-me-ias grande prazer descendo ao salão e encommendando grogs um pouco forte para ambos. O vento sopra aqui com uma violencia de todos os demonios.

. . . .

Sem atrazo algum, e mesmo cinco minutos antes da hora annunciada, o paquete entrou no porto de Dieppe.

Sherlock Holmes e Harry dirigiram-se á estação proxima e tomaram o rapido para Paris.

O policia manifestou grande impaciencia durante o trajecto. Cada vez que o comboio parava numa estação trinta segundos mais do que indicava o guia baixava a vidraça e perguntava ao conductor, quasi colerico, porque não partiam.

O comboio, de resto, chegou a Paris sem um minuto de atrazo.

Sherlock Holmes tomou um carro, onde seguiu com Harry para a estação de Lyon.

A's 10 horas e 20 minutos entravam no buffete onde Sherlock Holmes encommendou um excellente jantar.

"Viajantes para côte d'Azur! gritou um empregado abrindo a porta. "Lyon, Avignon, Marselha, Toulon, Cannes, Nice, Monte-Carlo, para as carruagens, se fazem favor!

Sherlock Holmes e o seu discipulo atravessaram a gare. Harry levava a mala de mão, a mala grande estava entre a bagagem.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

ACIDO URICO

Se V. S. é victima de rheumatismo chronico, de terriveis dôres nas cadeiras, se está abatido, sem disposição para o trabalho ou para distracções, se dorme mal, é muito provavel que as desordens dos rins sejam a causa de sua doença. Os rins são trabalham como filtros e purificadores de cada gotta de sangue que percorre o corpo. Devem expulsar do organismo todo o excesso de acido urico ou outros quaesquer venenos. Quando falham em suas funcções sobrevêm as dores e padecimentos.

Sergio Siqueira Telles, Rua da Matriz, 182, Caruarú—Estado de Pernambuco. "Cumpro o grato dever de escrever aos amigos, afim de lhes fazer scientes de minha completa cura com as famosas Pilulas De Witt. Usando as Pilulas De Witt, digo-lhes que, com surpreza, me vi livre e são de todos os males provenientes dos rins, apenas com o uso de dois vidros das mencionadas pilulas."

As Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, tomadas com regularidade, pódem dar fim a estes males, pois são especialmente preparadas para as desordens dos rins e enfraquecimento da bexiga. Devido á sua acção directa nos rins e na bexiga, estas pilulas dissolvem os crystaes de acido urico expellindo-os do organismo. A sua formula está impressa em cada caixa com toda a clareza. Tome-se uma pilula antes de cada refeição e duas ao deitar-se.

O exito de nossa cruzada contra ACIDO URICO deve-se quasi exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos

PILULAS
DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R 153).
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

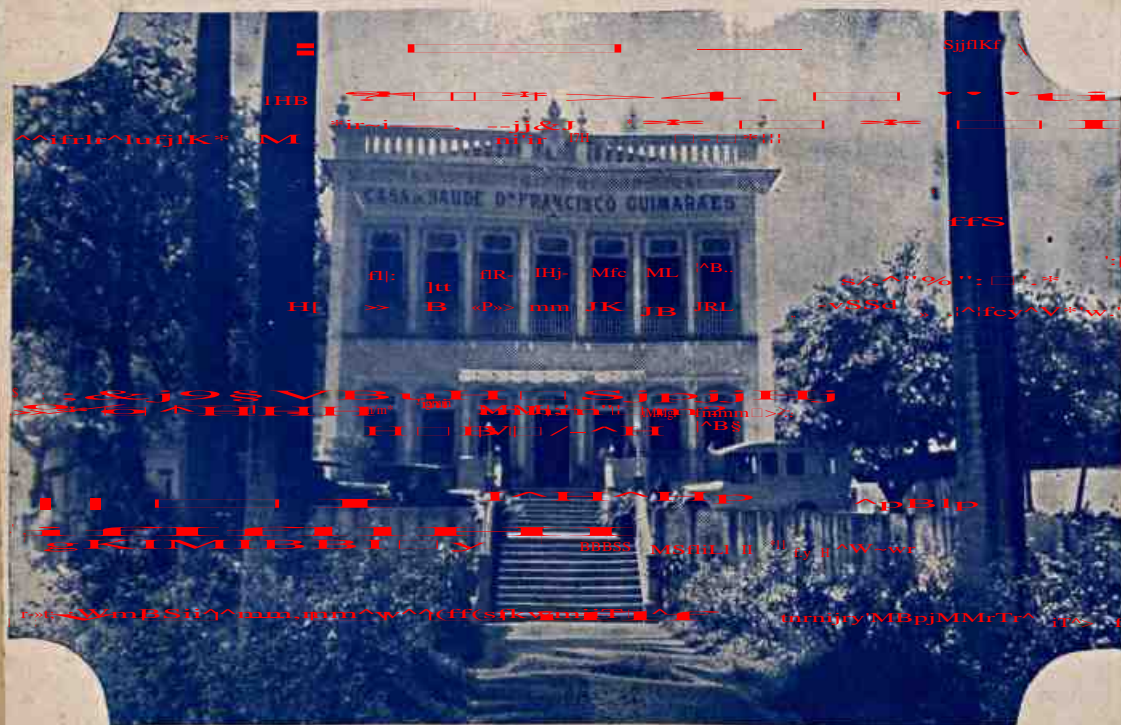
Nome..

Endereço..

....

Queira escrever com clareza
Mande em envelope aberto... sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

RUA ARISTIDES LOBO 115 — TEL. 2-1266

DIARIAS DESDE 15$000

Graças ao
RUGÓL
Póde afrontar
confiada o mundo
Nas praias, nas sahidas do banho, com a pelle
desnuda exposta aos olhares do publico, V. S.
poderá afrontál-os, se a sua cutis for tratada e
aformoseada com o Creme Rugol, segundo o pro-
cesso de Dort Leguy.
O Rugol fará surgir triumphante a superficie
de seu corpo, uma cutis clara, lisa e louçã, que
jamais V. S. sonhou possuir.
As actrizes famosas por sua formosura usam
o Rugol, o creme scientifico para reparar todos
os defeitos cutaneos.
Comece V. S. hoje mesmo a usar o
RUGÓL
O USO DEL "RUGOL"
O USO DO "RUGOL"
Cessionarios:
ALVIM & FREITAS. Caixa postal: 1379. S. Paulo.